



Universidade do Porto

Faculdade de Direito

Diana Patrícia Estrela da Silva

PRECURSORES DESENVOLVIMENTAIS DE FRIEZA EMOCIONAL

Mestrado em Criminologia

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor Pedro Manuel Rocha Almeida

2018

RESUMO

O conceito de psicopatia tem sido alargado para as crianças através do trabalho de Frick (1998), a investigação cada vez mais tem se focado no estudo dos traços de frieza emocional e na tentativa de identificar os seus precursos desenvolvimentais. O estudo destes precursos é pertinente para a investigação científica, pois a identificação e verificação da sua estabilidade desenvolvimental deverá permitir a intervenção precoce no desenvolvimento, potenciando a sua eficácia dada a maior maleabilidade da personalidade infantil (Fontaine et al., 2010; Frick & Marsee, 2006). A presente investigação tem como objetivo a identificação dos precursos de frieza emocional, bem como fatores relacionados (externalização e internalização de comportamentos, agressividade reativa e proativa e temperamento, em crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. Para alcançar este objetivo foi efetuado um estudo de cariz quantitativo e com uma abordagem de multi-informantes (encarregados de educação e educadores de infância) que envolveu uma amostra de 184 crianças. Os resultados obtidos sugerem que os pais/encarregados de educação tendem a problematizar mais os comportamentos das crianças, comparativamente com os professores/educadores de infância. Verifica-se que os traços de frieza emocional (*unemotional*, *callousness* e *uncaring*) estão correlacionados com maior externalização e internalização de comportamentos. Na relação entre os traços de frieza emocional e a agressividade proativa e reativa verifica-se uma relação positiva com a exceção da dimensão *unemotional*. No que concerne as diferenças individuais no temperamento e as relações estabelecidas com os traços de frieza emocional verifica-se que o *effortful control* relaciona-se negativamente com os traços de frieza emocional. Os traços de frieza emocional não se constituem como preditores da agressividade reativa e proativa para nenhum dos tipos de informantes. A externalização é preditor da agressividade reativa e proativa em ambos os informantes. Os resultados obtidos serão discutidos à luz de investigações empíricas centradas neste âmbito, avançando-se com possíveis interpretações para os resultados.

Palavras-chave: Traços de frieza emocional; comportamento antissocial; comportamento agressivo; temperamento; externalização de comportamentos; crianças; pais; professores.

ABSTRACT

The concept of psychopathy has been extended to children through the work of Frick (1998), research has been increasingly more focused on the study of the callous unemotional traits and in the attempt to identify their respective developmental precursors. The study of precursors is relevant to scientific research because if you identify and verify whether they are stable throughout the development of children, you can intervene early in development. Allowing interventions to be more effective since personality tends to be more changeable at a younger age (Fontaine et al., 2010; Frick & Marsee, 2006). This research's aim is to identify the precursors of callous unemotional traits, mainly the study of externalization and internalization of behaviors, reactive and proactive aggression and temperament in children between the ages of 2 and 5 years old. To achieve this goal, a quantitative and multi-informant study was carried out (parents / guardians and childhood educators) involving a sample of 184 children. To evaluate the different personality dimensions, the following questionnaires were used: ICU, CBCL, ABRS, ECBQ and CBQ. The results suggest that parents / guardians tend to problematize children's behaviors more than teachers / educators. It is perceived that the callous unemotional traits (unemotional, callousness and uncaring) are correlated with greater externalization and internalization of behaviors. In the relation between the callous unemotional traits and proactive and reactive aggression there is a positive correlation in all dimensions with the exception of the unemotional dimension. Regarding individual differences in temperament and established relationships with callous unemotional traits, it is found that effortful control is negatively related to callous unemotional traits. Callous unemotional traits are not a predictor of reactive and proactive aggression for any of the types of informants. The externalization is a predictor of reactive and proactive aggression in both informants. The results obtained will be discussed in the light of empirical investigations focused on this subject, and we will proceed with possible interpretations for the results. In addition, we will also discuss some of the limitations in the present study, thus seeking to advance with clues for future research.

Key-Words: callous unemotional traits; antisocial behavior; aggressive behavior; externalization; children; parents; teachers.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer ao meu Orientador, Professor Doutor Pedro Almeida, pela orientação e por todos os conhecimentos que me tem transmitido ao longo destes anos, por todas as críticas construtivas e pela confiança que depositou em mim para a realização da presente investigação.

Queria agradecer a todos os encarregados de educação e educadores de infância que disponibilizaram do seu tempo para participar no presente estudo.

Seguidamente quero agradecer aos meus pais e à minha irmã que sempre me apoiaram quando decidi ingressar este percurso académico.

Quero agradecer também aos pais do meu namorado, António Pinto e Maria Odete Pinto por todo o apoio que me deram ao longo destes anos, e que se não fossem eles não estaria agora onde estou. Pois fizeram-me ver que se lutar pelo que quero consigo sempre alcançar os meus objetivos.

Gostaria de demonstrar a minha gratidão a todos aqueles que contribuíram para a realização deste estudo. Mas principalmente àqueles que me acompanharam de uma forma mais direta e que sem essa ajuda não seria possível. Quero agradecer à Teresa Diana, à Mariana, à Inês e à Ângela, cada uma de vocês me ajudou à sua maneira quando eu mais precisava, obrigada pela vossa amizade e por me aturarem quando estava com dúvidas no projeto e quando não sabia como avançar, todas vocês me ajudaram a encontrar a melhor solução.

Por fim, e não menos importante, quero agradecer ao Duarte por estar sempre presente ao meu lado, por me ouvir nas minhas dúvidas e me ajudar a resolver todos os problemas que tive ao longo deste percurso. Quero que saibas que sem o teu apoio não tinha chegado tão longe.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	2
ABSTRACT	3
AGRADECIMENTOS.....	4
ÍNDICE GERAL	5
ÍNDICE DE TABELAS	11
CAPÍTULO I.....	15
ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	15
1. Da conceptualização histórica à operacionalização da psicopatia.....	15
2. Psicopatia e Traços psicopáticos	20
3. Traços de frieza emocional e precursos desenvolvimentais	22
3.1. Traços de frieza emocional e comportamento agressivo	24
3.2. Traços de frieza emocional e o comportamento problemático	27
3.3. Traços de frieza emocional e subgrupos de crianças sub-socializadas e socializadas	29
3.4. Traços de frieza emocional e modelos desenvolvimentais.....	31
4. Traços de frieza emocional e caminhos no desenvolvimento de comportamentos	
problemáticos	34
4.1. Extensão do constructo da psicopatia para as crianças	34
4.2. Estabilidade dos traços de frieza emocional.....	37
4.3. Benefícios no estudo de traços de frieza emocional	39
4.4. Implicações	40
CAPÍTULO II.....	43
ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA.....	43

1. Objetivos gerais e específicos	43
2. Descrição e Fundamentação das Metodologias	45
2.1. Caraterização do estudo	45
2.2. Constituição da amostra	45
2.3. Instrumentos e Operacionalização das variáveis do estudo	46
2.3.1. <i>Inventory of Callous Unemotional Traits (ICU)</i>	47
2.3.2. <i>Child Behavior Checklist (CBCL)</i>	48
2.3.3. <i>The Caregiver - Teacher Report Form (C-TRF)</i>	49
2.3.4. <i>Aggressive Behavior Rating Scale (ABRS)</i>	51
2.3.5. <i>Early childhood Behavior Questionnaire (ECBQ) – very short form</i>	51
2.3.6. <i>Child Behavior Questionnaire (CBQ) – very short form</i>	52
2.4. Tradução e Adaptação dos Questionários	52
3. Procedimentos	53
3.1. Processo de recolha de dados	53
3.2. Procedimentos de Análise de Dados	54
3.2.1. Procedimentos de Análise Estatística Descritiva	55
3.2.2. Procedimentos de Análise Estatística Inferencial	55
CAPÍTULO III	56
ESTUDO EMPÍRICO: RESULTADOS	56
1. Descrição da amostra	56
1.1. Caraterização sociodemográfica da amostra em estudo	56
1.2. Caraterização da amostra segundo as variáveis sob estudo	57
1.2.1. Traços de frieza emocional	57
1.2.2. Internalização e externalização de comportamentos	58
1.2.3. Comportamento agressivo	59

1.2.4. Temperamento.....	60
2. Comparação das informações recolhidas junto dos encarregados de educação e dos educadores de infância	61
2.1. Concordância inter- informantes para os traços de frieza emocional	63
2.1. Concordância inter-informantes para externalização e internalização de comportamentos.....	64
1.1. Concordância inter-informantes para comportamentos agressivos	65
1.1. Concordância multi-informantes para temperamento.....	66
3. Relações entre variáveis.....	67
3.1. Relação entre os traços de frieza emocional e a externalização e internalização dos comportamentos.....	67
3.2. Relação entre os traços de frieza emocional e o comportamento agressivo	68
3.3. Relação entre os traços de frieza emocional e o temperamento	68
4. Variáveis preditoras dos comportamentos agressivos	69
4.1. Variáveis preditoras do comportamento agressivo reativo relatadas pelos encarregados de educação e pelos educadores de infância	70
4.2. Variáveis preditoras do comportamento agressivo proativo relatados pelos encarregados de educação e pelos educadores de infância	71
CAPÍTULO IV	73
ESTUDO EMPÍRICO:	73
DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÃO	73
Limitações e implicações para investigações futuras	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
ANEXOS	93
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	93

ANEXO II: Modelos de regressão linear múltipla: comportamentos agressivos reativos e proativos95

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Modelos de regressão linear múltipla	94
---	-----------

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXOS	93
ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO Erro! Marcador não definido.	
ANEXO II: Modelos de regressão linear múltipla: comportamentos agressivos reativos e proativos	94

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: Análise descritiva das variáveis sociodemográficas.....	56
TABELA 2: Caraterização da amostra relativamente aos traços de frieza emocional.....	58
TABELA 3: Caraterização da amostra relativamente à internalização e externalização dos comportamentos.....	59
TABELA 4: Caraterização da amostra relativamente ao comportamento agressivo.....	60
TABELA 5: Caraterização da amostra relativamente ao temperamento em crianças dos 2 anos.....	60
TABELA 6: Caraterização da amostra relativamente ao temperamento em crianças dos 3 aos 5 anos.....	61
TABELA 7: Comparações entre as respostas dos pais e professores para os traços de frieza emocional.....	62
TABELA 8: Comparações entre as respostas dos pais e professores para a externalização e internalização.....	62
TABELA 9: Comparações entre as respostas dos pais e professores para a agressividade reativa e proativa.....	63
TABELA 10: Comparações entre as respostas dos pais e professores para o temperamento.....	63
TABELA 11: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre os traços de frieza emocional.....	64
TABELA 12: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre a internalização e externalização de comportamentos.....	65
TABELA 13: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre a agressividade reativa e proativa.....	65

TABELA 14: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre o temperamento em crianças de 2 anos.....	66
TABELA 15: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre o temperamento em crianças dos 3 aos 5 anos.....	67
TABELA 16: Correlações entre os traços de frieza emocional e a externalização e internalização dos comportamentos.....	68
TABELA 17: Correlações entre os traços de frieza emocional e o comportamento agressivo.....	68
TABELA 18: Correlações entre os traços de frieza emocional e o temperamento – questionários destinados aos pais e professores.....	69
TABELA 19: Variáveis preditoras do comportamento agressivo reativo relatado pelos encarregados de educação – modelo de regressão final.....	70
TABELA 20: Variáveis preditoras do comportamento agressivo reativo relatado pelos educadores de infância – modelo de regressão final.....	71
TABELA 21: Variáveis preditoras do comportamento agressivo proativo relatado pelos encarregados de educação – modelo de regressão final.....	72
TABELA 22: Variáveis preditoras do comportamento agressivo proativo relatado pelos educadores de infância - modelo de regressão final	73

INTRODUÇÃO

A presente dissertação no âmbito do Mestrado em Criminologia da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, procurou estudar os precursos desenvolvimentais de frieza emocional em crianças dos 2 aos 5 anos. Estudou-se a relação entre as diferentes componentes dos traços de frieza emocional, e variáveis relacionadas com estes como internalização e externalização de comportamentos, comportamentos agressivos reativos e proativos e facetas temperamentais

Os traços de frieza emocional têm cada vez mais sido alvo de estudo e preocupação por parte dos investigadores. A constelação de traços afetivos, interpessoais, autorreferenciais e comportamentais têm estado associadas ao constructo da psicopatia e no qual se tem designado um grupo importante e distinto de adultos antissociais. A investigação cada vez mais tem demonstrado que adultos encarcerados que demonstram traços de psicopatia demonstram um padrão de comportamento antissociais mais severo e violento (Frick & Marsee, 2006). Até à data a maior parte da investigação existente tem se focado no estudo destes traços de psicopatia em adultos. Portanto, torna-se importante estudar estes traços desde cedo no desenvolvimento principalmente em crianças para tentarmos perceber quais são os precursos desenvolvimentais. Deseja-se com a identificação e estudo destes traços, avançar no estudo de um moderador fundamental na predição do sucesso da intervenção em crianças problemáticas (White & Frick, 2008), potenciando a eficácia da intervenção nestas crianças (Stickle & Frick, 2002). Ademais, o estudo dos traços de frieza emocional desde cedo no desenvolvimento pode permitir o estudo dos fatores de proteção que permitem realçar o ajuste nos indivíduos que estão em risco de desenvolvimento destes traços. Um dos benefícios mais importantes será o facto de, ao estendermos o constructo de psicopatia para as crianças, contribuirmos para o desenvolvimento da investigação acerca dos modelos causais para o comportamento antissocial e agressivo (Frick & Marsee, 2006).

É com vista ao estudo, compreensão e aumento do conhecimento científico que o presente estudo se foca nos precursos desenvolvimentais dos traços de frieza emocional. A presente tese teve como objetivo principal a identificação dos precursos de frieza emocional e rede de conceitos relacionados em crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos (amostra composta por 184 crianças).

O presente estudo estrutura-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se uma revisão de literatura que procura abranger as diferentes dimensões que irão ser objeto de estudo: os traços de frieza emocional, a internalização e externalização dos comportamentos, o comportamento agressivo proativo e reativo e o temperamento em crianças dos 2 aos 5 anos de idade. No primeiro subcapítulo inicial encontra-se uma pequena introdução histórica da psicopatia e da operacionalização desta até à atualidade. No segundo subcapítulo aborda-se a distinção entre a psicopatia e os traços de psicopatia explicitando a importância desta distinção. No terceiro subcapítulo menciona-se os diferentes precursos desenvolvimentais dos traços de frieza emocional. No quarto subcapítulo refere-se na importância de estender o constructo de psicopatia para as crianças e como poderá ajudar no desenvolvimento de teorias causais explicativas e no desenvolvimento de melhores intervenções. Reflete-se também acerca das potencialidades do estudo destes traços, como estes serão estáveis ao longo do desenvolvimento e nas implicações que este tipo de estudo poderá ter.

No segundo capítulo descreve-se a metodologia utilizada no estudo. Num primeiro momento são apresentados os objetivos e hipóteses de investigação. Caracteriza-se o estudo como sendo de cariz quantitativo, descrevendo o modo como a amostra foi constituída e apresentando os diversos instrumentos utilizados na presente investigação, incluindo o seu processo de tradução.

No terceiro capítulo apresenta-se os principais resultados obtidos neste estudo.

Por fim, conclui-se com a interpretação e discussão dos resultados obtidos, apontando-se as suas limitações e procurando indicar algumas pistas que poderão ser úteis em investigações futuras.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Da conceptualização histórica à operacionalização da psicopatia

Uma das primeiras perturbações da personalidade a ser reconhecida na psiquiatria foi a psicopatia. Este conceito possui uma vasta tradição clínica e recentemente tem trazido um grande conjunto de investigações no qual confirmam a sua validade, quer do ponto de vista psicodinâmico como do neurobiológico (Hare & Neumann, 2005). A psicopatia é um dos conceitos psicológicos mais incompreendidos, persistindo uma grande incerteza relativamente a este conceito (Skeem, Plaschek, Patrick & Lilienfeld, 2011).

A concetualização da psicopatia teve a sua origem no início de 1800 com a obra “*Traité médico-philosophique sur l’alienation mentale ou la manie*” de Philippe Pinel (Pinel, 1809; Skeem et al., 2011). Nesta obra, Pinel (1809) menciona a perturbação *manie sans delire*¹, descrevendo indivíduos que exibiam caraterísticas da mania, mas que na realidade careciam de delírios e nos quais não apresentavam défices de entendimento. Pinel ao observar os comportamentos de alguns dos seus pacientes, reparou que estes cometiam atos impulsivos e agressivos. No entanto, estes indivíduos conseguiam perceber a irracionalidade dos seus comportamentos (Arrigo & Shipley, 2001). Este autor expandiu o conceito de perturbações mentais e levou outros investigadores a questionarem-se sobre o pressuposto principal que estaria envolvido na perturbação mental.

Benjamin Rush, psiquiatra americano, documentou casos idênticos aos que Pinel mencionava, tendo, no entanto, ido para além da definição proposta, afirmando que esta perturbação seria causada ou por um defeito de nascença ou por uma doença. Rush continuou a descrição de Pinel, definindo a “alienação da mente”, que seria a insuficiente organização das capacidades morais, ou seja, uma depravação moral inata. Isto levou a que o autor reconhecesse que esta perturbação mental poderia afetar outras capacidades para além da intelectual (Arrigo & Shipley, 2001). Em 1835, James Cowles Pritchard, na obra “*Treatise on insanity and other*

¹ Tradução: mania sem delírio.

disorders affecting the mind” introduz o tema de “*moral insanity*” dando prioridade às perturbações emocionais e afetivas relacionadas com o intelecto (Lykken, 1995). Mas só no final do século XIX, foi introduzido o termo *psychopathic*² pelo psiquiatra alemão J. L. Koch. Para este autor o psicopata seria um indivíduo com condições crônicas diversas, como neuroses, deficiência mental e perturbações da personalidade. No entanto, Koch também utilizava o termo como sinónimo de comportamento agressivo e irresponsável (Lykken, 1995; Skeem et al., 2011).

Entre 1896 e 1915, Kraepelin introduziu o termo de “personalidade psicopática”, procurando descrever um tipo de indivíduos com indicadores de comportamento criminal irregular ou imoral (Arrigo & Shipley, 2001). Mais tarde, entre 1923 e 1955, Schneider utilizou o mesmo termo de “personalidade psicopática” como sendo um conceito integrador de diversas patologias. Este autor começa a apresentar algumas distinções relevantes como o conceito de doença mental e psicopatia. Schneider, não considera que a “personalidade psicopática” seja uma doença mental, pois tem por base traços psíquicos (Lykken, 1995).

As modernas concetualizações da psicopatia derivam do Psiquiatra norte-americano Hervey Cleckley e da sua obra “*The Mask of Sanity*” (Cleckley, 1988; Skeem et al., 2011). Nesta obra, o autor proporcionou uma descrição detalhada da psicopatia e das suas manifestações, ao olhar para as vidas de alguns indivíduos. O autor apresenta o perfil de um psicopata indicando quais os traços mais importantes da perturbação, sendo estes critérios: (1) Encanto superficial e boa inteligência; (2) inexistência de alucinações ou de outras manifestações de pensamento irracional; (3) ausência de nervosismo ou de manifestações neuróticas; (4) ser indigno de confiança; (5) ser mentiroso e não sincero; (6) ausência de culpa ou remorso; (7) exibição de comportamentos antissociais; (8) raciocínio pobre e incapacidade para aprender com a experiência; (9) egocentrismo patológico e incapacidade para amar; (10) pobreza geral nas reações afetivas; (11) perda específica de *insight*; (12) incapacidade para responder na generalidade das relações interpessoais; (13) comportamento fantasioso e pouco recomendável com ou sem ingestão de bebidas alcoólicas; (14) ameaças de suicídio raramente cumpridas; (15) vida sexual impessoal, trivial e pouco integrada; (16) incapacidade para seguir qualquer plano de vida³ (Cleckley, 1988).

² Tradução: psicopata.

³ Do original: (1) *Superficial charm and good “intelligence”*; (2) *Absence of delusions and other signs of irrational thinking*; (3) *Absence of “nervousness” or psychoneurotic manifestations*; (4) *Unreliability*; (5) *Untruthfulness and*

Cleckley (1988) para conseguir clarificar e limitar a perturbação fez uma experiência com pacientes psiquiátricos. A “*máscara*”⁴ refere-se à tendência que os psicopatas têm de se apresentarem inicialmente como confiantes e bem ajustados em comparação com a maior parte dos pacientes psiquiátricos, mas que na realidade revelam uma patologia subjacente que se revela através das suas ações e atitudes ao longo do tempo (Lykken, 1995; Skeem et al, 2011).

Mais tarde, Buss, descreve a psicopatia como tendo duas abordagens diferenciadas, ou seja, os sintomas e os traços de personalidade. Para este autor, os sintomas seriam os comportamentos centrados na procura de estimulação, incapacidade de controlar impulsos ou adiar gratificações, rejeição da autoridade e disciplina, e um raciocínio pobre na avaliação de comportamentos (Hare & Neumann, 2005). Já os traços de personalidade consistiam em relações interpessoais como a incapacidade de amar ou de estabelecer amizades, ausência de culpa ou vergonha, incapacidade para ser de confiança (Lykken, 1995).

Estas definições históricas levam às modernas operacionalizações da psicopatia, que se baseiam na aplicação de escalas por parte do clínico ou em escalas de autorrelato. O constructo da psicopatia teve diversos instrumentos de mensuração que ao longo do tempo foram evoluindo (Skeem et al., 2011). Em 1970, Robert Hare desenvolveu uma entrevista de protocolo baseada em alguns critérios de forma a conseguir avaliar a psicopatia em criminosos encarcerados. Este instrumento é o mais utilizado para a mensuração da psicopatia em adultos e denomina-se de *Psychopathy Checklist* (PCL; Kotler & McMahon, 2010). Trata-se de um instrumento constituído por 22 itens, que mais tarde foi revisto e publicado com 20 itens- *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 1991). Este instrumento é um dos mais utilizados pelos clínicos e mais validados para medir o constructo da psicopatia (Skeem et al., 2011). A PCL-R é constituída por um conjunto distinto de subescalas ou itens, no qual se denominam de “fatores”. Inicialmente a análise destes fatores indicava que existiam duas dimensões que estavam correlacionadas, o fator um (características afetivas e interpessoais) e o fator dois (estilo de vida antissocial) (Hare & Neumann, 2005). Cooke e Michie (2001), desenvolveram um modelo da psicopatia em que consistia em 13

insincerity; (6) Lack of remorse or shame; (7) Inadequately motivated antisocial behavior; (8) Poor judgment and failure to learn by experience; (9) Pathologic egocentricity and incapacity for love; (10) General poverty in major affective reactions; (11) Specific loss of insight; (12) Unresponsiveness in general interpersonal relations; (13) Fantastic and uninviting behavior with drink and sometimes without; (14) Suicide rarely carried out; (15) Sex life impersonal, trivial, and poorly integrated; (16) Failure to follow any life plan

⁴ “*The Mask*” como está intitulado no seu livro.

itens e três fatores. Neste modelo dividiu-se o fator um original em duas partes, e o fator três consistia em cinco itens do fator dois original. Este modelo foi descrito como contendo o núcleo da psicopatia. Para Cooke o comportamento antissocial seria uma consequência da personalidade psicopática (Hare & Neumann, 2005). Este modelo de três fatores embora seja apelativo, em alguns aspectos está incompleto e por isso mais recentemente Hare propôs que pelo menos quatro facetas são necessárias para representar o constructo da psicopatia na PCL-R, sendo eles: fator um (características interpessoais), fator dois (características afetivas), fator três (estilo de vida), fator quatro (comportamento antissocial). Os três primeiros fatores são idênticos ao modelo de três fatores. A diferença é que neste modelo existe uma correlação consistente entre os quatro fatores na PCL-R e na PCL:SV⁵ (Hare & Neumann, 2005; Skeem et al., 2011). A *Psychopathy Checklist: screening version* foi inicialmente desenvolvida para o mesmo contexto forense da PCL-R, não carecendo, no entanto da consulta de registos criminais (Skeem et al., 2011).

Para além deste tipo de instrumentos, existem ainda escalas de autorrelato, sendo um exemplo a *Psychopathic Personality Inventory* (PPI). Esta escala foi desenvolvida para a compreensão das disposições dos traços representados no modelo de Cleckley (Skeem et al., 2011). A PPI original é constituída por 187 itens enquanto que a versão revista tem 154 itens, estas estão divididas em 8 subescalas unidimensionais. Estas oito subescalas são: imunidade ao stress; sem medo; potência social; desconformidade rebelde; culpar externalização; egocentrismo maquiavélico; frieza⁶ (Patrick, Drislane & Strickland, 2012), que se agregam em dois fatores de ordem elevada: PPI-I (*fearless dominance*) e a PPI-II (*impulsive antisociality*). Na PPI-R podemos salientar alguns pontos de interesse: 1) é uma escala de autorrelato; 2) foi desenvolvida originalmente para estudantes, e não vez de criminosos; 3) não contém itens referentes especificamente a amostras criminais ou de comportamento antissocial; 4) inclui as subescalas que melhor capturam as características que Cleckley descreve; 5) menciona a psicopatia referindo itens de ordem elevada e que são diferenciados em vez de estarem inter-relacionados. Esta escala proporciona uma alternativa bastante útil para avaliar a psicopatia através do autorrelato, em diversas populações (Patrick, Fowles & Krueger, 2009; Skeem et al., 2011).

⁵ *Psychopathy Checklist screening version*

⁶ Do original: *stress immunity, fearlessness, social potency, carefree nonplanfulness, rebellious nonconformity, blame externalization, machiavellian egocentricity e coldheartedness*

Um segundo instrumento de auto-relato mais recente é o *Triarchic Psychopathy Measure* (TRiPM; Patrick, 2010). Esta escala baseia-se no modelo triárquico da psicopatia, que é visto como uma construção da psicopatia alternativa àquelas descritas pelos diversos escritores contemporâneos e históricos (Patrick, Drislane, & Strickland, 2012). Este modelo veio reformular a avaliação da psicopatia através de modelos já existentes (Skeem et al., 2011). O modelo inclui três subcomponentes fenotípicos que são a chave para a compreensão do constructo da psicopatia e das suas diversas manifestações, sendo eles: Ousadia, Malvadez e Desinibição⁷ (Patrick et al., 2009). A *boldness* (ousadia) implica a tendência para a confiança, assertividade social, resiliência emocional. Ou seja, é a capacidade de se manter calmo e confiante em situações que envolvem pressão ou ameaça, elevada autoconfiança e tolerância para com situações não familiares de perigo. Esta componente é uma das formas em que a *fearlessness* (ausência de medo) pode ser expressa fenotipicamente. A *disinhibition* (desinibição) implica a impulsividade, hostilidade, desconfiança e dificuldades na regulação da emoção (Patrick & Drislane, 2014). Manifestações comportamentais proeminentes incluem irresponsabilidade, impaciência, ações impulsivas que levam a atos com consequências negativas, alienação, atos agressivos. Esta componente enfatiza mais a externalização de diversos comportamentos como os problemas comportamentais, desviância criminal, agressividade. E a *meanness* (malvadez) implica a ausência de empatia, empoderamento através da crueldade ou destruição, desprezo em relação aos outros, alguns termos relacionados são *callous-unemotionality* (Frick & Marsee, 2006), *antagonism*, *cold-heartedness*. As manifestações comportamentais características incluem arrogância, desafio da autoridade, competitividade agressividade, crueldade física para com pessoas e animais, agressividade predatória, exploração estratégica de outros para obtenção de ganho (Patrick et al., 2009).

Fomos vendo ao longo da perspectiva histórica da psicopatia as diversas controvérsias existentes seguindo-se das modernas operacionalizações que são utilizadas na investigação. Neste processo de validação de constructos existentes (constructos que não podem ser observados), é sempre necessário o estudo e a utilização destes instrumentos de mensuração. Dada a falibilidade inerente a todos os instrumentos de avaliação psicológica, acaba sendo necessário a existência de

⁷ Do original: *Boldness*, *Meanness* e *Disinhibition*

processos de validação, nomeadamente para permitir a clarificação da natureza e dos limites de uma entidade considerada hipotética (Skeem et al., 2011).

2. Psicopatia e Traços psicopáticos

A distinção entre os conceitos de psicopatia e traços psicopáticos é relevante para o campo. A *psicopatia* é uma perturbação da personalidade multidimensional e que é vista como um conjunto de dimensões a nível interpessoal (e.g. narcisista, manipulativo), afetivo (e.g. frieza, sem remorsos) e comportamental (e.g. comportamento antissocial e impulsivo) (Cooke & Michie, 2001; Andershed, 2010; Vieira, Almeida, Ferreira-Santos, Moreira, Barbosa & Marques-Teixeira, 2014; Pechorro, Hawes, Gonçalves & Ray, 2016). Etiologicamente a palavra *psicopatia* deriva de *psico* que significa “mente” e da palavra *pathos* que significa “doença”. A psicopatia não pode ser conceptualizada segundo os parâmetros tradicionais de uma doença mental, e logo a maior parte dos clínicos não utiliza este termo (Lykken, 2006). Embora a psicopatia não possa ser reconhecida através de um sintoma clínico distinto, existem algumas características da personalidade que fazem da psicopatia unicamente diferente das outras perturbações da personalidade (Vien & Beech, 2006).

Já quando nos referimos aos *traços psicopáticos* estes podem ser definidos como traços individuais/ sintomas e comportamentos que formam a síndrome da psicopatia. Um fenómeno comum na literatura é o facto de utilizarem o termo *psicopatia* para se referirem a indivíduos com traços psicopáticos como por exemplo os *callous-unemotional traits*⁸ (Andershed, 2010). A constelação de traços afetivos, interpessoais, autorreferenciais e comportamentais são considerados relevantes para o constructo da psicopatia pois indicam um grupo de adultos antissociais especialmente problemáticos (Frick & Marsee, 2006). Os traços psicopáticos são importantes para designarem um tipo de comportamento antissocial mais grave, persistente e violento (Frick, Kimonis, Dandreaux & Farrell, 2003).

O constructo da psicopatia tal como mencionado anteriormente é constituído por três dimensões, a afetiva, a interpessoal e a comportamental, sendo que os *callous-unemotional traits* pertencem apenas à dimensão afetiva, sendo, portanto um dos traços do constructo da psicopatia.

⁸ Traços de frieza emocional

Relativamente à estrutura fatorial, quando se fala da psicopatia em crianças pode-se dizer que os traços psicopáticos se manifestam da mesma forma ou através das mesmas três dimensões do constructo da psicopatia em adultos. Sendo estas dimensões: os *callous and unemotional*, a *impulsivity* e o *narcissism* (Frick & White, 2008; Caputo, Frick & Brosky, 1999). A primeira dimensão, *callous-unemotional traits*, é caracterizada pelo charme superficial, ausência de empatia, ausência de culpa. A segunda dimensão, *impulsivity* (impulsividade) é caracterizada por atos criminais repetidos, fraco controlo de impulsos, suscetibilidade ao aborrecimento, ausência de responsabilização pelas suas ações. A terceira dimensão, *narcissism* (narcisismo), é caracterizado por um estilo interpessoal arrogante e enganador envolvendo um ponto de vista narcisístico e irresponsável, mas também um fraco comportamento planeado (Caputo, Frick & Brosky, 1999; Frick & White, 2008; Frick & Marsee, 2006; White & Frick, 2010). Embora as três dimensões estejam relacionadas com o comportamento antissocial, a evidência demonstra que os traços de frieza emocional conseguem designar um conjunto de adultos antissociais distintos (Frick & White, 2008; Cooke & Michie, 2001). Estas dimensões são relevantes pois ajudam-nos a compreender melhor o constructo da psicopatia.

Será pertinente para esta investigação fazermos esta distinção entre psicopatia e traços psicopáticos, pois alguns indivíduos que possuem traços psicopáticos mais ou menos intensos e estáveis podem estar associados à síndrome da psicopatia (Pechorro, 2011; Frick & Marsee, 2006). Até à data a maior parte da investigação apresentada sobre os traços psicopáticos tem sido realizada em adultos. Isto é lamentável por algumas razões, primeiramente temos o facto destes adultos encarcerados terem um longo historial de comportamento antissocial que começa no início da infância. Isto faz com que na altura em que o indivíduo é preso a sociedade já tenha suportado um custo com o seu comportamento. A identificação precoce dos traços de psicopatia possibilitaria que as intervenções fossem mais eficazes na alteração destes traços (Barry, Frick, Shazo, McCoy, Ellis & Loney, 2000). O segundo ponto é que ao estudar estes traços cedo no desenvolvimento pode fornecer um método de identificação destes traços de personalidade precocemente. Isto porque em adultos torna-se difícil de determinar o que estará causalmente relacionado com os traços e o que será a causa, a consequência e os problemas que estão subjacentes e que acompanham tais comportamentos. E por fim, o estudo de traços de psicopatia no desenvolvimento precoce

permite o estudo de fatores protetores que podem realçar o ajustamento destes indivíduos que estão em risco de desenvolver estes traços (Frick & Marsee, 2006; Frick et al., 2003).

3. Traços de frieza emocional e precursos desenvolvimentais

A psicopatia é uma perturbação da personalidade multidimensional e que é vista como um conjunto de dimensões a nível interpessoal (e.g. narcisista, manipulativo), afetivo (e.g. frieza emocional, sem remorsos) e comportamental (e.g. comportamento antissocial e impulsivo) (Cooke & Michie, 2001; Andershed cit. in Salekin & Lynam, 2010; Vieira, Almeida, Ferreira-Santos, Moreira, Barbosa & Marques-Teixeira, 2014; Pechorro, Hawes, Gonçalves & Ray, 2016). Tem havido várias tentativas de estender o conceito da psicopatia para as crianças e jovens. Uma abordagem focou-se em traços que estão associados à componente afetiva da psicopatia, ou seja, os traços de frieza emocional (Pechorro, Ray, Barroso, Marôco & Gonçalves, 2014). Os traços de frieza emocional são proeminentes na maior parte das concetualizações de psicopatia em adultos.

Contudo existe ainda algum debate acerca de quais as melhores dimensões que capturam o constructo da psicopatia em amostras adultas. As dimensões que mais emergem são três: *arrogant and deceitful interpersonal style* (narcisismo), *deficient affective experience* (frieza emocional) e *impulsive and irresponsible behavioral style* (impulsividade). O narcisismo é considerado um estilo interpessoal arrogante e enganador envolvendo um ponto de vista narcisístico e comportamento manipulador. A frieza emocional tem sido denominada como “*deficient affective experience*” ou “*affective factor*” (Frick & White, 2008; White & Frick, 2013). Este fator tem sido definido pela ausência de remorso ou culpa, ausência de empatia, incapacidade de aceitar responsabilidade pelas suas ações. E por fim a impulsividade é vista como um comportamento impulsivo e irresponsável envolvendo um fraco comportamento planeado (Frick & White, 2008). Vários estudos ao estender o constructo da psicopatia para jovens, utilizaram medidas para acederem a estas três dimensões, baseando-se no facto de que estas dimensões, quando combinadas, são as que melhor representam o constructo da psicopatia. Embora estas três dimensões estejam relacionadas com o comportamento antissocial quer em jovens quer em adultos, a evidência aponta que os traços de frieza emocional são os mais relevantes para designar um subgrupo distinto de jovens e adultos antissociais (White & Frick, 2010).

Os traços de frieza emocional são correlatos temperamentais do comportamento antissocial severo, agressivo e persistente nas crianças, que podem aumentar o risco do desenvolvimento de psicopatia mais tarde na vida adulta (Frick et al., 2003). A presença destes traços designa um subgrupo de crianças antissociais. Por isso pode-se dizer que um delineador de heterogeneidade em crianças com início de comportamento antissocial é a disposição para traços de frieza emocional (Viding, Jones, Frick, Moffitt, Plomin, 2008). Os estudos longitudinais nesta área indicam que os traços de psicopatia, incluindo os traços de frieza emocional são estáveis na infância, adolescência e na idade adulta (Fontaine, Rijdsdijk, McCroy & Viding, 2010; Viding, Frick, Plomin, 2007).

Coloca-se então a questão: devido à estrutura multidimensional da psicopatia, porquê focar nos traços de frieza emocional como uma dimensão crítica para designar um grupo único de jovens antissociais? Segundo White e Frick (2013), para um constructo ser importante para identificar os indivíduos antissociais, é necessário demonstrar áreas importantes de independência a partir das medidas gerais de comportamento antissocial. Em amostras de adultos é a dimensão dos traços de frieza emocional que parece ser mais específica em indivíduos com elevados traços de psicopatia quando comparados com outros indivíduos antissociais (Cook & Michie, 1997). Também em amostras de adolescentes detidos, os traços de frieza emocional surgem mais elevados nos ofensores sexuais violentos quando comparados com outros ofensores sexuais violentos e não violentos, enquanto que as outras dimensões da psicopatia não diferenciavam entre grupos de ofensores (Frick & White, 2008). Existe evidência de que acontece o mesmo com crianças. Segundo Porter e Woodworth (2006), os precursos de psicopatia emergem muito cedo na infância na forma de traços de frieza emocional.

Devido à importância que o constructo da psicopatia demonstrou na designação de um subgrupo de adultos antissociais, é possível que, ao estendermos o constructo para o desenvolvimento precoce, consigamos definir subgrupos de jovens antissociais distintos (Frick & Marsee, 2006). Historicamente um grande número de diferentes abordagens tem sido aplicado para identificar alguns padrões específicos de comportamento antissocial e características que predizem o risco de evidência de traços psicopáticos. A compreensão destes preditores de risco, e das manifestações variadas do comportamento antissocial, são críticas para se conseguir fornecer intervenções e prevenções eficazes (Lochman, Powell, Boxmeyer, Young, & Baden, 2010).

Seguidamente apresentam-se alguns subgrupos importantes que se focam em abordagens que parecem ser particularmente pertinentes para os precursos de frieza emocional desenvolvimental.

3.1. Traços de frieza emocional e comportamento agressivo

Diversas investigações têm sido publicadas (e.g. Frick & White, 2008) mostrando que em geral os traços de psicopatia, e especificamente os traços de frieza emocional predizem um padrão de comportamento antissocial mais severo, estável e agressivo em adultos, jovens e crianças (Munõz & Frick, 2012). Embora a maior parte da investigação se tenha focado em adultos, a evidência sugere que a psicopatia está relacionada com a agressão desde muito cedo no desenvolvimento. Aparentemente, os precursos da psicopatia surgem desde cedo na infância sobre a forma de traços de frieza emocional (Porter & Woodworth, 2006). Tais características estão associadas a um padrão de comportamento agressivo severo podendo levar a um padrão de comportamento antissocial e violento persistente (Frick & White, 2008). A evidência sugere que os traços de frieza emocional podem ajudar a prever os diferentes padrões de comportamento agressivo e violento em amostras de jovens (Fanti, Frick & Georgiou, 2009).

O comportamento agressivo é definido como um comportamento com intenção de causar dor e dano a outros. Esta dimensão é considerada importante nos casos de crianças com problemas de comportamento na infância e na maior parte dos sistemas de classificação (e.g. American Psychiatric Association, 2005) existentes. Muitas abordagens fazem distinção entre crianças com problemas de comportamento agressivo e não agressivo. Isto deve-se ao facto de a investigação demonstrar que o comportamento agressivo nas crianças é muitas vezes estável durante a vida, sendo mais tarde difícil de o tratar. Esta distinção é importante para a compreensão dos precursos desenvolvimentais da psicopatia, pois a investigação em adultos mostra que estes apresentam um padrão específico de comportamento antissocial, violento e agressivo. A investigação tem demonstrado que existem diversos padrões de comportamento agressivo que podem ser exibidos pelas crianças. Um foco central na investigação tem sido a agressão relacional, que consiste em comportamentos como o espalhar de rumores ou dizer a outros para não serem amigos de outras crianças. A investigação que se tem focado no estudo das diferenças de género no comportamento agressivo, tem demonstrado que os rapazes são significativamente mais agressivos que as

raparigas. Infelizmente este tipo de agressão relacional e a relação com as características associadas com a psicopatia não têm sido diretamente estudadas quer em adultos como em crianças (Frick & Marsee, 2006).

Um dos tipos de agressividade mais importantes na literatura, é o comportamento agressivo reativo e proativo. Dodge e Coie, começaram por examinar aspetos do comportamento antissocial, sendo estes aspetos o comportamento agressivo reativo e proativa, ou seja, fala-se aqui de dois subtipos que diferem nos seus objetivos. Esta é outra categoria de comportamento agressivo relevante para a presente investigação. Este tipo de agressividade reativa e proativa poderá ter implicações muito importantes nos modelos desenvolvimentais da psicopatia (Frick & Marsee, 2006). A agressividade reativa⁹ é definida como uma agressão que ocorre como uma resposta agressiva a uma provocação ou ameaça, sendo assim uma resposta defensiva. Os atos agressivos deste tipo ocorrem muitas vezes no contexto de elevada excitação emocional, como uma discussão e não são planeados, podendo ser motivados pela perceção dos pares como ameaçadores. Já a agressividade proativa¹⁰ é definida como a agressão que não é provocada e que tipicamente envolve planeamento e premeditação. Este tipo de agressividade é usada visando algum tipo de ganho instrumental, como a obtenção de bens, para dominar os outros (Brown, Atkins, Osbourne, & Milnamow, 1996; Fanti, et al., 2009; Frick & Marsee, 2006; Hubbard, McAuliffe, Morrow & Romano, 2010). Como conseguimos ver, a agressividade proativa e reativa têm distintivamente diferentes objetivos (Lochman et al., 2010). Vários estudos mostram que estas dimensões da agressividade proativa e reativa estão altamente correlacionadas e que um grande número de crianças apresenta os dois tipos de agressividade (Brown, Atkins, Osbourne, & Milnamow, 1996). Para além disto, existe um grupo de crianças elevadamente agressivas que demonstram os dois tipos de agressividade e um outro grupo de crianças que não são tão agressivas, demonstrando apenas agressividade reativa (Frick, Cornell, Barry, Bodin, & Dane, 2003). Ou seja, a associação dos traços de frieza emocional com a agressividade parece designar um subgrupo de jovens antissociais que demonstram um padrão mais agressivo e com maior probabilidade de apresentarem ambas as formas de agressividade proativa e reativa (Munõz & Frick, 2012).

⁹ Referida de hostil ou agressão impulsiva.

¹⁰ Referida de agressão instrumental ou premeditada.

Contudo, Frick e Marsee (2006), elencam um conjunto de características distintas entre as crianças nestes subgrupos de agressividade. A primeira característica é que as crianças nestes dois grupos de agressividade apresentam diferentes problemas de risco mais tarde na adolescência e enquanto adultos. A ideia seria de que a interação entre a agressividade proativa e reativa iria implicar que elevados níveis de um tipo de agressão potenciarão o outro tipo na previsão da delinquência ou outros problemas de externalização. Mas a realidade é que o efeito poderá ser oposto, sendo que elevados níveis de um tipo de agressividade poderão enfraquecer o elo preditivo entre o outro tipo de agressividade. Fala-se aqui por exemplo de crianças que exibem agressividade proativa estão em maior risco de delinquência e abuso de álcool na adolescência, assim como de cometerem atos criminais enquanto adultos. Isto é algo que apenas a agressividade proativa consegue prever (Vitaro, Brendgen, & Tremblay, 2002; Vitaro, Gendreau, Tremblay & Oligny, 1998). A segunda característica elencada é o facto de o ajustamento social nas crianças com eses dois subgrupos de agressividade ser diferente. De facto, crianças com agressividade reativa mostram grandes problemas no ajustamento escolar, elevadas taxas de rejeição dos pares e maior vitimação de pares quando as comparamos com as crianças com agressividade proativa. Por fim, os dois padrões de comportamento agressivo estão relacionados a correlatos emocionais distintos, isto é, crianças com agressividade reativa apresentam baixa tolerância à frustração e propensão em reagir a níveis elevados de emoções negativas em relação a estímulos aversivos. Já as crianças com agressividade proativa não demonstram problemas de regulação emocional. A investigação comparativa de crianças com diferentes padrões de comportamento agressivo descobriu um número relevante de diferenças entre crianças que demonstram puramente agressividade reativa e crianças que apresentam ambas as agressividades proativa e reativa. O mais relevante, contudo, é o facto do grupo que apresenta elevada agressividade reativa e proativa demonstra um número de características semelhantes às dos adultos com psicopatia, como a sua natureza persuasiva e severa da sua agressividade, a sua insensibilidade ao castigo pelo seu comportamento agressivo e os défices nas suas emoções reativas (Frick & Marsee, 2006). Esta ligação entre o padrão de agressividade das crianças e as características associadas com a psicopatia é consistente com a investigação em adultos encarcerados que mostram que os padrões de violência que incluem agressividade instrumental e premeditada está associado com os traços de psicopatia (Frick & Marsee, 2006), o mesmo se verificando adultos e crianças com psicopatia não forenses (Blair, Peschardt, Budhani, Mitchell, & Pine, 2006). Para além disto também é relevante consideramos

ambas as formas de agressividade reativa e proativa para conseguirmos compreender as motivações das ações violentas (Porter & Woodworth, 2006).

3.2. Traços de frieza emocional e o comportamento problemático

Tem sido reconhecido que as crianças e adolescentes que demonstram níveis severos de comportamento antissocial, muitas vezes denominado de perturbação de conduta,¹¹ constituem um grupo heterogéneo de crianças com variações substanciais no seu comportamento. Estas variações fornecem pistas para os modelos causais no qual o comportamento poderá desenvolver (Frick et al., 2003). Primeiramente será necessário explicar o que é o comportamento problemático. Este é caracterizado pela quebra de regras ou leis de forma agressiva ou não agressiva. Evidência sugere que o comportamento problemático na infância está associado com os traços de frieza emocional, como ausência de culpa ou de empatia. O comportamento problemático está relacionado com um elevado risco de desenvolvimento de problemas psicossociais de longa duração, especialmente se este coocorrer com os traços de frieza emocional (Frick & Marsee, 2006). Os traços de frieza emocional foram incluídos recentemente no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* como sendo um especificador do comportamento problemático (denominando-se de *limited prosocial emotions*). Ou seja, os traços de frieza emocional irão ajudar no planeamento e tratamento de crianças que exibem este tipo de comportamento problemático (Klingzell, Fanti, Colins, Frogner, Andershed & Andershed, 2015).

Uma abordagem na designação de um subgrupo de crianças problemáticas e que está incorporada no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-IV) é aquela evidenciada por Moffitt (Frick & Marsee, 2006). Moffitt (1993), apresenta uma taxonomia, do comportamento antissocial, distinguido dois grupos de crianças: um grupo em que demonstram comportamentos desafiantes e de oposição no início da infância e outro grupo de crianças que inicia estes comportamentos na puberdade. O primeiro grupo é denominado de *life-course-persistent* (persistentes) enquanto que o outro grupo é denominado *adolescence-limited* (limitados à adolescência). As crianças persistentes que têm estes padrões de comportamento na infância tendem a demonstrar os problemas desde cedo e vão piorando consoante o seu desenvolvimento.

¹¹ Do original: *conduct disorder*

Podemos dizer que os seus problemas comportamentais aumentam em proporção e severidade ao longo da infância e na sua adolescência, passando até para a vida adulta (Frick & Marsee, 2006). Contrariamente a este grupo, temos os limitados à adolescência. Embora estes não apresentem problemas de comportamento significativos na infância, começam a exhibir esses comportamentos delinquentes e antissociais na adolescência (Moffitt, 1993). Existem diferenças importantes na severidade do comportamento destes dois grupos. Algumas dessas diferenças incluem os persistentes apresentarem comportamentos mais agressivos na infância e adolescência, continuando a apresentar comportamentos criminais e antissociais pela adolescência e vida adulta (Frick & Marsee, 2006).

Segundo Frick e Marsee (2006), a abordagem de Moffitt é pertinente para as teorias causais do comportamento antissocial, principalmente pelo facto de os dois grupos diferirem no número de fatores de risco¹² associados ao comportamento antissocial, sendo que os persistentes apresentam fatores de risco disposicionais (e.g. baixa inteligência) e contextuais (e.g. disfunção familiar) (Moffitt, 1993), enquanto que os limitados à adolescência apresentam uma maior ligação para com pares delinquentes e têm cotações mais elevadas nas medidas de rebeldia e conflito com a autoridade (Frick & Marsee, 2006).

As diversas características destes dois grupos de crianças antissociais levaram a modelos teóricos que propuseram distintos modelos causais. Moffitt (1993), propôs que os persistentes desenvolvem o seu comportamento problemático através de um processo transacional no qual a criança já de si é difícil e vulnerável e experiênciam um ambiente educacional inadequado (e.g. como a pobre supervisão parental). Este longo processo perturbará a socialização da criança levando a que esta tenha pobres relações sociais quer com as pessoas dentro do seu meio familiar (e.g. pais e irmãos) quer fora desse meio (e.g. pares e professores). Isto levará a que a criança seja afetada negativamente no seu ajustamento psicossocial através das diversas etapas de desenvolvimento. Relativamente aos limitados à adolescência, Moffitt propôs um modelo causal diferente para explicar o desenvolvimento deste comportamento problemático. Este modelo propõe que este

¹² Segundo Farrington e colegas (2016), os fatores de risco são variáveis que quando ocorrem aumentam a probabilidade de ocorrência de um comportamento delincente. Os fatores de risco são dicotomizados, facilitando o estudo da sua interação com outros fatores, permitindo a identificação de indivíduos com múltiplos fatores de risco, e também a especificação de como os resultados variam com o número de fatores de risco.

grupo tem menos fatores de risco disposicionais e contextuais, demonstrando um processo de rebelião na adolescência. Este tipo de comportamento é um processo normativo que faz parte do sentido autónomo do adolescente, no qual este vai descobrindo a sua identidade (Frick & Marsee, 2006). Segundo Moffitt (1993), o grupo de limitados à adolescência envolvem-se em comportamentos antissociais e delinquentes como uma tentativa equivocada de obter o sentido subjetivo da maturidade e do estatuto de adulto¹³ mas de forma mal adaptativa (e.g. quebra de regras) e encorajada pelo grupo de pares antissociais. Devido ao seu comportamento ser visto como um processo exagerado específico da adolescência, o seu comportamento antissocial é menos provável de persistir para além da adolescência, embora em alguns casos possam persistir na idade adulta devido a consequências do seu comportamento antissocial na adolescência (e.g. registo criminal; desistência escolar).

Para Frick e Marsee (2006), qualquer modelo desenvolvimental do comportamento antissocial severo, incluindo as tentativas de estender o constructo da psicopatia para crianças, deve considerar a taxonomia de Moffitt. Nomeadamente, o grupo dos persistentes demonstrará um número de características que são consistentes com o constructo de psicopatia, sendo elas o padrão de comportamento antissocial mais severo, mais persistente, crónico e agressivo e que persiste na idade adulta. Klingzell e colegas (2016), afirmam ser possível estudar o desenvolvimento conjunto dos traços de frieza emocional e do comportamento problemático desde muito cedo na vida, para assim testar se as trajetórias desenvolvimentais podem já ser identificadas em amostras pré-escolares. A investigação do desenvolvimento conjunto dos traços de frieza emocional e o comportamento problemático pode fornecer pistas pertinentes que realcem os esforços de intervenção existentes, de forma a serem mais eficazes desde cedo na infância, quando o comportamento tende a ser mais maleável e manejável para tratamento (Salekin & Lynam, 2010).

3.3. Traços de frieza emocional e subgrupos de crianças sub-socializadas e socializadas

Várias foram as tentativas de extensão do constructo da psicopatia para os jovens, umas das primeiras tentativas dividiu os ofensores juvenis em duas categorias denominadas de “psicopata” e “socializado” (Quay, 1964). O grupo denominado de psicopata era caracterizado por traços como

¹³ Original: *Adult Status*

a ausência de preocupação para com os outros, ausência de ligação para com os outros e comportamento destrutivo. Este grupo foi comparado com o grupo socializado que exibia características menos agressivas, e muitas vezes cometiam atos delinquentes não agressivos e com pares antissociais (e.g. uso de drogas). Devido às conotações pejorativas que o rótulo de “psicopata” traria, o nome deste grupo foi alterado para “agressivo subsocializado¹⁴”. Vários estudos subsequentes testaram a validade e utilidade clínicas destas abordagens. Os resultados foram bastante promissores, pois a investigação conseguiu designar um grupo de jovens antissociais que poderão demonstrar precursos desenvolvimentais de psicopatia (Frick & Marsee, 2006).

Devido a estes achados promissores e numa tentativa de estender o constructo para as crianças a distinção entre subsocializado e socializado foi incluída no DSM-III, no diagnóstico de *conduct disorder* (Frick & Ellis, 1999). Esta distinção está relacionada com a concetualização da psicopatia em adultos. Segundo o DSM-III: *“O tipo subsocializado (de comportamentos problemáticos) é caracterizado pela falha no estabelecimento de um grau normal de afeção, empatia, ou ligação para com os outros. As relações entre pares são geralmente ausentes, embora os mais novos tenham relações superficiais. Caracteristicamente, a criança não se estende para os outros a menos que haja uma vantagem imediata obvia. Egocentrismo é demonstrado pela facilidade de manipulação de outros para ter favores sem qualquer esforço de retribuição. Geralmente há uma ausência de preocupação pelos sentimentos, desejos e bem-estar dos outros como demonstrado pelo comportamento insensível. Os sentimentos apropriados de culpa ou remorso são geralmente ausentes. Como a criança pode facilmente informar os seus companheiros e colocar a culpa neles.”*¹⁵ (American Psychiatric Association, 1980, p.45).

Em contraste com este subtipo surge o socializado, definido pela capacidade de formar ligações sociais para com os outros, muitas vezes na forma de lealdade para com um par desviante

¹⁴ Undersocialized aggressive

¹⁵ Do original: *“The undersocialized types are characterized by a failure to establish a normal degree of affection, empathy, or bond with others. Peer relationships are generally lacking, although the youngster may have superficial relationships with other youngsters. Characteristicallu the child does not extend himself or herself for others unless there is an obvious immediate advantage. Egocentrism is shown by readiness to manipulate others for favors without any effort to reciprocate. There is generally a lack of concern for the feelings, wishes, and well-being of others, as) shown by callous behavior. Appropriate feelings of guilt or remorse are generally absent. Such a child may readily inform on his /her companions and try to place blame on them.”* (American Psychiatric Association, 1980).

do grupo. Esta distinção veio capturar o fenómeno de gangs delinquentes no qual o comportamento antissocial faria parte de uma subcultura de desviância (Frick & Ellis, 1999). Há alguma confusão no que concerne à operacionalização das características críticas que distinguem os subgrupos subsocializado e socializado. Por exemplo, algumas definições focaram-se na capacidade de a criança formar e manter relações sociais, enquanto outras focam-se no contexto (sozinho ou em grupo) no qual os atos antissociais ocorrem. Querendo com isto dizer que muito poucas definições se focaram diretamente nas características interpessoais ou afetivas que seriam críticas para as descrições clínicas dos indivíduos com psicopatia, e no qual estes subtipos teriam sido inicialmente baseados (Lahey, Loeber, Quay, Frick & Grimm, 1992). Como resultado desta confusão a revisão seguinte do DSM (DSM-III-R; American Psychiatric Association, 1987) reviu os critérios destes subtipos de problemas de comportamento. Nomeadamente, o subtipo subsocializado tfoi alterado para se focar somente se os atos sociais são cometidos sozinhos e se o padrão inclui sintomas agressivos (sendo renomeado de *solitary-aggressive*). Já no segundo subtipo, o foco estaria se os atos antissociais eram cometidos com outros pares antissociais, assumindo-se que este grupo não era agressivos na sua natureza (este subtipo foi renomeado de *group subtype*). A razão para esta definição dos subgrupos era dupla. Em primeiro lugar, as crianças com problemas comportamentais sub-socializadas seriam mais agressivas, enquanto que as crianças identificadas com o subgrupo socializado tenderiam a não demonstrar sintomas agressivos. Em segundo lugar, assumir-se-ia que havia mais fiabilidade se fosse medida a agressividade e na determinação de quem estaria tipicamente presente quando isto acontecesse (Lahey et al., 1992). Estas razões para além de eliminarem alguma confusão inerente à avaliação dos critérios anteriores do DSM-III, acabou por se afastar do foco principal na determinação destes subtipos de comportamento problemático que seria o foco nas dimensões interpessoais e afetivas que são marcos nas descrições clínicas da psicopatia em adultos (Frick & Marsee, 2006).

3.4. Traços de frieza emocional e modelos desenvolvimentais

Frick e Viding (2009) propuseram que as crianças e adolescentes com traços de frieza emocional têm um temperamento no qual poderá interferir no normal desenvolvimento da consciência e colocar em risco a criança para desenvolver um comportamento antissocial particularmente severo e agressivo. Para melhor entendermos este ponto será pertinente primeiro

definirmos o temperamento. O temperamento refere-se a um conjunto de constructos que descrevem diferenças individuais com base constitucional na reatividade e na auto-regulação (Rothbart & Bates, 1998 citado em Rothbart, 2007). Estas são disposições biológicas, cuja expressão está sujeita à influência dos genes, maturação e experiência (Rothbart & Derryberry, 1981 citado em Rothbart, 2007) e dos estímulos do ambiente (Rothbart & Bates, 2006). Quando se fala em reatividade refere-se à componente motora, emocional e atencional. Quando se fala em autorregulação refere-se a processos como o *effortful control*¹⁶, estes processos permitem modelar a reatividade e a capacidade de controlar reações ao stresse, permite manter o foco atencional e interpretar os próprios estados mentais dele e dos outros sendo essencial para o desenvolvimento das crianças (Rothbart & Derryberry, 1991 citado em Rothbart, 2007).

O *effortful control* corresponde a uma forma de autorregulação mais madura, sendo definido como uma “*eficiência da atenção executiva, incluindo a capacidade de suprimir uma resposta dominante e/ou dominante e/ou de ativar uma resposta subdominante, planejar e detetar erros*” (Rothbart & Bates, 2006, p.19). O controlo por esforço inclui o controlo atencional que consiste na capacidade de focar ou alterar a atenção quando necessário, o controlo inibitório que consiste na capacidade de suprimir ou inibir tendências de aproximação quando necessário e o controlo ativo que consiste na capacidade de realizar uma ação quando existe forte tendência para evitá-la (Rothbart et al., 2001). Alguns estudos apontam que crianças ricas em controlo por esforço apresentam baixos níveis de agressividade e altos níveis de empatia (Rothbart, Ahadi, & Hershey, 1994 citado em Rueda & Rothbart, 2005). Já as crianças com baixos níveis de controlo por esforço tendem a ter mais reações aversivas aos pares e aos adultos (Eisenberg et al., 2005; Eisenberg, 2014). Portanto, será esperado que crianças ricas em controlo por esforço adotem mais comportamentos pró-sociais e menos comportamentos antissociais.

Outra dimensão temperamental relevante é o *negative affect*¹⁷. Esta é uma componente da reatividade do temperamento que reflete uma tendência para experimentar emoções negativas como a frustração/ raiva, o medo, a tristeza, a culpa e desconforto. Esta abrange processos emocionais, atencionais e comportamentos caracterizados pela reatividade negativa a alterações do ambiente (Rothbart, 1989 citado em Teglas et al., 2015). O *negative affect* nas crianças é um

¹⁶ Controlo por esforço

¹⁷ Emocionalidade negativa

aspecto central de modelos teóricos sobre o desenvolvimento da internalização e externalização comportamental. As evidências empíricas suportam a ligação entre a *negative affect* e as duas dimensões de problemas de comportamento (e.g., Eisenberg et al., 2005). Por exemplo, a raiva/irritabilidade tem sido relacionada com a externalização e a tristeza e o medo tem sido relacionado com a internalização (e.g. Rothbart & Bates, 2006; Rothbart, 2011). Isto sugere que a emocionalidade negativa possa estar relacionada com o comportamento antissocial.

Diversos autores têm demonstrado que o *effortful control* modera os efeitos de fatores de risco individuais tais como altos níveis de *negative affect* que pode influenciar na adoção de comportamentos antissociais. Derryberry e Rothbart (1997) demonstraram que as diferenças individuais no controlo por esforço pode influenciar a expressão de desordens internalizadas nas crianças através da interação de processos de reatividade e regulação. Outros estudos demonstram que crianças com altos níveis de reatividade combinados com baixos níveis de controlo por esforço são suscetíveis de apresentar maiores problemas de internalização de comportamento, ao contrário de crianças com altos níveis de *negative affect* em conjunto com altos níveis de *effortful control* (e.g. Lonigan, 1998). Assim, o controlo parece moderar os efeitos da *negative affect* sobre a internalização e externalização de comportamentos. Ou seja, crianças com altos níveis de *negative affect* serão menos propensas a apresentar problemas de comportamento quando têm um maior *effortful control* (Rothbart & Bates, 2006; Rothbart & Posner, 2006 citado em Rothbart, 2007).

Para além destas duas dimensões existe ainda uma outra pertinente para a presente investigação: *asurgency*. A *surgency* é caracterizada por elevados traços de impulsividade, elevados níveis de prazer, níveis fortes e negativos de introversão. Existe algum suporte empírico e teórico que a *surgency* poderá ser um fator de risco para o desenvolvimento de externalização de comportamentos, incluindo a hiperatividade e a agressividade (REF). Embora crianças com níveis moderados de *surgency* possam ser caracterizadas como relaxadas e interessadas no seu ambiente, crianças com elevados níveis podem ser consideradas como ativas e estarem constantemente a explorar o seu ambiente sem qualquer preocupação com as regras e regulações no seu comportamento. Isto tende a que as crianças caiam em frustração quando os seus objetivos não são alcançados. Por exemplo, crianças com elevados traços de *surgency* podem ter dificuldade em regular o seu humor quando são deparados com a desmotivação, resultando na alteração drástica

de comportamento. Portanto esta dimensão encontra-se muitas vezes ligada com agressividade e com alguns traços de frieza emocional (Berdan, Keane, & Calkins, 2009).

Alguns estudos têm examinado as associações entre os traços de personalidade/ temperamento em jovens com psicopatia, incluindo traços de frieza emocional. Mas tem existido poucas investigações associadas aos traços de frieza emocional *per se*. Isto é surpreendente pelo facto de existir um largo número de investigações a examinar as relações entre os traços de personalidade/modelos do temperamento e os traços de frieza emocional e a externalização de comportamentos em jovens (Latzman, Lilienfeld, Latzman, & Clark, 2013). Segundo Roose e colegas (2010), numa amostra de adolescentes e jovens adultos reportou-se associações entre os traços de frieza emocional e os Big Five. Os resultados apontavam que o *score* total dos traços frieza emocional estavam negativamente associados com a agradabilidade e a conscienciosidade. Estes resultados indicam que as investigações sobre associações entre o temperamento/personalidade e os traços de frieza emocional poderão ser úteis na compreensão destes traços (Latzman et al., 2013).

4. Traços de frieza emocional e caminhos no desenvolvimento de comportamentos problemáticos

4.1. Extensão do constructo da psicopatia para as crianças

A necessidade de identificar e tratar a psicopatia na infância e adolescência não é recente. Cleckley reconheceu que a perturbação teria início na infância e/ou adolescência (Cleckley, 1988; Salekin & Frick, 2005). Quase uma década depois, McCord e McCord, no seu livro *The Psychopath: An Essay on the Criminal Mind*, enfatizaram a importância da identificação e tratamento da psicopatia em populações mais jovens. Estes realçaram a importância de intervir desde cedo e no fornecimento de cuidados adequados a jovens com traços psicopáticos (Salekin & Frick, 2005). Mais tarde Quay (1964), também tentou definir os importantes subgrupos de delinquência nos jovens e ao fazê-lo reconheceu a importância do constructo da psicopatia. (Salekin & Frick, 2005).

Mas ainda existiam diversas questões sobre a aplicabilidade do constructo em crianças e adolescentes. Algumas dessas questões eram: a) a adequação de estender o constructo da psicopatia aos jovens (devido à conotação pejorativa anteriormente falada); b) se as manifestações do constructo são semelhantes através dos variados níveis desenvolvimentais das crianças; c) como e se a psicopatia poderia ser medida em amostras mais jovens (crianças e adolescentes); d) se a psicopatia em crianças e adolescentes tem uma rede nomológica idêntica à da psicopatia em adultos (Salekin & Frick, 2005).

Segundo Salekin e Frick (2005), em 1990 houve um ressurgimento da investigação na extensão do constructo da psicopatia para amostras jovens. Isto deveu-se ao avanço dos estudos da psicopatia em adultos. Estes avanços foram evidentes na mensuração do constructo, assim como na predição de resultados importantes e na emergência de modelos teóricos que especificariam os défices afetivos e cognitivos que podem levar aos traços psicopáticos. Estes avanços no estudo da psicopatia em adultos permitiram que a investigação abordasse algumas das preocupações sobre a aplicabilidade do constructo nos jovens. Por exemplo, Frick e colegas (2000) focaram-se na presença de traços de frieza emocional como sendo importante para a definição de subgrupos de jovens antissociais que demonstravam um défice no desenvolvimento da consciência.

Frick e Marsee (2006), elencaram essas mesmas críticas, uma das primeiras críticas deve-se ao facto de ainda existir um enorme consenso sobre as características centrais da psicopatia em amostras de adultos (isto inclui as características previamente mencionadas, como as características interpessoais, afetivas, autorreferenciais e comportamentais). Um dos problemas será na definição de quantas dimensões psicológicas melhor sumariam estes traços, sendo que a análise fatorial tende a variar de dois a oito traços subjacentes (Frick & Marsee, 2006). O outro problema baseia-se no desacordo sobre quais destas dimensões são o núcleo central da psicopatia e se quaisquer destas dimensões chegam a ser suficientes/necessárias para a definição do constructo (Cooke & Michie, 2001). A segunda crítica menciona que os instrumentos de avaliação dos traços de psicopatia foram todos baseados em técnicas desenvolvidas para o uso em amostras de adultos, especialmente em adultos encarcerados (Frick, Bodin & Barry, 2000; Frick & Marsee, 2006). Podemos verificar isso com um dos maiores instrumentos de mensuração da psicopatia, a *Psychopathy Checklist – Revised*, no qual baseia-se numa entrevista semiestruturada e em ficheiros institucionais para ser efetuada a avaliação de psicopatia. Contudo, ao estudarmos a psicopatia em crianças ou jovens, a

disponibilidade de dados históricos pode ser limitada. Infelizmente algumas críticas sobre a extensão do constructo da psicopatia para os jovens tem-se focado nas diferenças entre os métodos de avaliação entre adultos e crianças invés de considerarem tais diferenças em procedimentos que poderão ser muito mais relevantes devido às diferenças de idade e contextos (Frick & Marsee, 2006). A terceira crítica baseia-se no facto de alguns traços de psicopatia poderão ser considerados normativos nos jovens, correndo-se o risco de os rotular como desordeiros quando na realidade demonstram um padrão de comportamento normativo e transiente. Isto torna-se problemático em diversas áreas onde a maior parte dos sintomas pode variar consoante o curso do seu desenvolvimento. Devido a estes problemas alguns críticos sugerem que as operacionalizações de psicopatia em jovens deveriam apenas incluir indicadores que não são encontrados no desenvolvimento normal ou que não são correlacionados com as medidas normativas da personalidade que se alteram ao longo do desenvolvimento (Skeem & Cauffman, 2003). Outras críticas referem que o constructo da psicopatia necessita de ser estável nas crianças assim como acontece com os adultos. Estas premissas são antitéticas para uma perspetiva desenvolvimental que reconhece explicitamente os limites artificiais entre o desenvolvimento normal e os processos patológicos (Cicchetti & Richters, 1997). Segundo Frick (2002), é improvável desenvolver uma lista de indicadores sem variantes normativas que se poderiam alterar através do desenvolvimento. Tais argumentos, não reconhecem o facto de os processos de personalidade serem intrinsecamente menos estáveis nos jovens do que nos adultos (Roberts & DelVecchio, 2000). Como previamente mencionado, uma das grandes razões da extensão do constructo da psicopatia para as crianças é para conseguirmos identificar os precursos desenvolvimentais do constructo, para que as intervenções possam ser aplicadas numa altura em que estes traços são mais facilmente alterados (Frick, 2001; Frick & Marsee, 2006; Barry, Frick, Deshazo, McCoy, Ellis & Loney, 2000). Por fim, e como referimos anteriormente, uma preocupação relevante na extensão do constructo da psicopatia para as crianças é a conotação negativa do termo “psicopata”, uma vez que este conceito tem associado um rótulo altamente pejorativo que implica uma condição biológica intratável (Edens & Petrila, 2006; Salekin & Frick, 2005). Segundo Frick (2002), isto é bastante pertinente dada a natureza da investigação no que concerne a extensão do constructo da psicopatia para crianças e o facto de todos os usos importantes do constructo em amostras de adultos (e.g. avaliação de risco de reincidência) não terem sido estudados tão extensivamente em grupos mais novos. Frick e Marsee (2006), encorajam a existência da investigação salientando um cuidado na utilização do

constructo nestes contextos. Só através da investigação se pode determinar a utilização apropriada do constructo às crianças.

4.2. Estabilidade dos traços de frieza emocional

Na última década diversos estudos têm se dedicado à questão de se o constructo da psicopatia pode ser aplicado às crianças. Os resultados têm sido promissores e por isso tem havido um aumento no número de investigações acerca deste tema (Andershed, 2010). Mas uma questão mais relevante que tem sido colocada cada vez mais é se os comportamentos que definem os traços de frieza emocional são estáveis ao longo do desenvolvimento das crianças e adolescentes (White & Frick, 2016). É importante compreendermos as continuidades e descontinuidades ao longo do desenvolvimento, dos traços de frieza emocional. Por isso, é significativo considerarmos a estabilidade destes traços através do desenvolvimento, e assim considerarmos os fatores que poderão influenciar esta mesma estabilidade. Compreender a estabilidade dos traços é pertinente para determinar a sua maleabilidade, ajudando a delimitar em que altura a intervenção será mais eficaz. Atualmente existe um crescente número de investigações que se focam na estabilidade dos traços de frieza emocional desde a infância até à idade adulta (Frick, Ray, Thornton, Kahn, 2014).

Segundo Andershed (2010), é relevante antes de mais fazermos uma distinção entre psicopatia e traços psicopáticos. Psicopatia é vista como uma síndrome, no qual é constituída por um conjunto de traços interpessoais, afetivos, comportamentais (Cooke & Michie, 2001; Hare, 2003). Já os traços psicopáticos, podem ser definidos como traços individuais/ sintomas e comportamentos que compõem o constructo da psicopatia. Um fenómeno comum na literatura é o facto de muitas vezes utilizarem o termo psicopatia para se referirem a traços psicopáticos individuais ou a subfactores da psicopatia, como os traços de frieza emocional. O foco mais importante é saber até que ponto e como a psicopatia, ao invés de os traços de psicopatia, são estáveis ao longo do tempo. Esta questão é pertinente porque é teoricamente possível que os traços individuais de psicopatia sejam mais ou menos estáveis quando existam separadamente ou como parte de outros traços e dimensões da síndrome de psicopatia. Por exemplo os traços de frieza emocional sozinhos podem ser mais ou menos estáveis do que quando existem em conjunto com os traços comportamentais e interpessoais. A maior parte dos estudos atuais focam-se nos traços

da psicopatia (e.g. os traços de frieza emocional) como parte da síndrome da psicopatia (Andershed, 2010).

A investigação sugere que os traços de frieza emocional estão presentes num subgrupo de jovens antissociais. Existem algumas questões pertinentes que devemos considerar ao avaliarmos estes traços na infância e adolescência: Quão cedo podemos avaliar estes traços? Quão consistente é a estrutura de medição através do desenvolvimento? Quão estáveis são estes traços antes da idade adulta? (Frick, 2009). Respondendo à primeira questão, embora a maior parte dos estudos se foque em amostras de adolescentes, tem havido alguns estudos que se têm focado em amostras de crianças com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos de idade (Dadds, Fraser, Frost & Hawes, 2005; Kimonis, Frick, Boris, Smyke, Cornell, Farrell & Zeanah, 2006). Relativamente à segunda questão, Obradovic, Pardini, Long e Loeber (2007), estudaram a estrutura dos traços de frieza emocional numa amostra de 506 rapazes através da avaliação dos encarregados de educação e dos professores. A investigação sugeriu que os indicadores de traços de frieza emocional se mantêm estáveis da infância à adolescência, enfatizando a importância de se testar longitudinalmente a invariância dos constructos para promover uma compreensão mais detalhada e minuciosa da estabilidade dos traços. Segundo Frick & White (2008), baseando-se nestes achados, os traços de frieza emocional parecem ser relativamente estáveis da infância para a adolescência. Quanto à terceira questão, existe uma quantidade numerosa de estudos que demonstram que estes traços são relativamente estáveis da infância até à adolescência, quer sejam avaliados por encarregados de educação (Obradovic et al., 2007; Frick, Kimonis, Dandreaux & Farrell, 2003) ou através do autorrelato (Munoz & Frick, 2007).

Segundo Frick e colegas (2003), existe também uma outra questão relevante quando falamos na estabilidade dos traços: mesmo se assumirmos que estes traços são estáveis em adultos, ainda é questionável o facto de eles se tornarem estáveis na adolescência. Embora haja a continuidade dos traços ao longo da infância, os traços normalmente são considerados menos estáveis nas crianças quando comparadas com os adultos (Roberts & DelVecchio, 2000). Esta baixa estabilidade acontece devido às mudanças desenvolvimentais que ocorrem nas crianças e que ajudam a modelar a sua personalidade (Frick et al., 2003). Uma das principais motivações para se estender o constructo da psicopatia para crianças é o facto de se poder identificar estes traços quando são mais maleáveis (i.e. menos estáveis) e recetivos a tratamento (Frick, 2001).

4.3. Benefícios no estudo de traços de frieza emocional

Segundo Frick & Marsee (2006), a utilização dos traços de frieza emocional para designar um grupo distinto de jovens com problemas de conduta tem futuro na extensão do constructo da psicopatia cedo no desenvolvimento. Estes autores elencam uma serie de vantagens que os estudos dos traços de frieza emocional trazem para a definição de subgrupos de jovens antissociais. A primeira vantagem é o facto de se focar explicitamente nas características afetivas e interpessoais do constructo da psicopatia em amostras de adultos e mais pertinente será o facto de diferenciar indivíduos com psicopatia de outros indivíduos antissociais (Hare, 1998). Em segundo lugar, as características das crianças com traços de frieza emocional podem ser integradas em teorias sobre o desenvolvimento normal da consciência. Por exemplo, tal integração sobre o desenvolvimento normal e irregular poderia beneficiar as teorias causais realçando quando e como o processo normal do desenvolvimento da consciência pode dar errado (Frick & Morris, 2004; Salekin & Frick, 2005). Por último, a utilização dos traços de frieza emocional poderá ajudar a integrar e explicar alguns dos achados da investigação científica sobre outros métodos utilizados para a designação de subgrupos de jovens antissociais.

Uma vantagem adicional é o facto de a utilização dos traços de frieza emocional na designação de um subgrupo distinto de jovens antissociais permitir também a designação de crianças sem estes traços, mas que demonstram algumas características que estão associadas à psicopatia (por exemplo impulsividade e narcisismo), não se integrando na conceptualização tradicional da psicopatia (Frick & Morris, 2004). Por exemplo, crianças com problemas de conduta e sem traços de frieza emocional elevados são menos agressivas que crianças com elevados traços de frieza emocional, e quando estas agem agressivamente é mais provável que seja agressividade reativa (Frick, Cornell, Barry et al., 2003). Para além disto, crianças antissociais sem traços de frieza emocional têm problemas de conduta que estão associados às práticas parentais disfuncionais e a défices de inteligência verbal (Frick & Marsee, 2006).

No geral, estes achados sugerem que diferentes mecanismos estão subjacentes ao desenvolvimento de problemas de conduta em crianças com e sem traços de frieza emocional. Segundo Frick e Morris (2004), um número significativo de crianças com problemas de conduta e ausência de traços de frieza emocional parecem ter dificuldade a regular as suas emoções. Este tipo

de dificuldade na regulação da emoção pode levar a uma série de problemas no ajustamento da criança, podendo resultar no facto da criança cometer atos agressivos, impulsivos e não planeados, levando ao sentimento de remorsos (Pardini et al., 2003; Frick & Marsee, 2006). Um outro exemplo de ausência de regulação da emoção é o facto da criança se tornar mais suscetível à agressividade como resposta às provocações de pares, pais e professores (Hubbart et al., 2002; Loney, Frick, Clements, Ellis, & Kerlin, 2003). Segundo Frick (2001), devido a estes problemas comportamentais e disfunções emocionais estas crianças poderão necessitar de uma abordagem de tratamento diferente de outras crianças com problemas de conduta. Muitas das características deste grupo de jovens (falamos aqui de disfunções a nível do histórico familiar e baixa inteligência verbal) são consistentes com adultos que demonstram um comportamento antissocial e criminal, mas em que está ausente as características afetivas e interpessoais da psicopatia (Hare et al., 1991).

4.4. Implicações

A evidência sugere que a investigação referente à extensão do constructo da psicopatia para os jovens deverá ser feita de forma cuidada. Se assumimos que a psicopatia é biologicamente baseada na disposição da personalidade e que é estável e difícil de alterar, então torna-se improvável de encontrar o constructo em crianças. Esta definição não seria adequada ao desenvolvimento de perspetivas sobre o desenvolvimento da personalidade, que reconhece a interação entre as predisposições biológicas e as influências ambientais de todas as formas de personalidade. Para além disto, se as metodologias para aceder a estes traços são estendidas para crianças sem ter em consideração as mudanças a nível desenvolvimental e do contexto, ou até mesmo se as mensurações são assumidas como tendo a mesma validade em adultos e jovens, tomando decisões importantes (sem diretamente testar tais assunções), tal investigação poderia ter efeitos muito prejudiciais nos jovens (Frick & Marsee, 2006).

É pertinente lembrar que até à atualidade nenhum estudo prospetivo acompanhou estes subgrupos de jovens antissociais até à idade adulta para determinar que percentagem irá demonstrar elevados traços de psicopatia e/ou será diagnosticado de “psicopata” usando as definições tradicionais (Frick, Kimonis, et al., 2003). Frick e Marsee (2006) questionam se alguns dos subgrupos descritos deverão ser considerados de “precursos desenvolvimentais” da psicopatia.

O avanço da investigação da psicopatia em adultos poderá ter as suas vantagens quer no avanço dos modelos causais do comportamento antissocial dos jovens, como também o estudo da psicopatia nos jovens poderá ajudar no avanço das teorias causais da psicopatia (Frick, 2009). Por exemplo, Frick e Marsee (2006), mencionam que as duas teorias mais proeminentes da psicopatia baseadas na investigação em adultos com psicopatia colocam ênfase ou (1) num défice cognitivo envolvendo a capacidade da pessoa com psicopatia para usar pistas contextuais que são periféricas numa resposta dominante no conjunto para modelar o seu comportamento (Newman, 1998) ou (2) num défice na experiência de certas emoções críticas que guiam o comportamento pro-social e inibem a desviância (Lykken, 1995). Qualquer uma destas teorias explicam as características dos adultos com psicopatia. Testar se as previsões são consistentes com estas teorias nos jovens e integrar os achados com a investigação focada no desenvolvimento normal do comportamento pro-social poderá ser relevante para os modelos causais. (Frick & Marsee, 2006). A inclusão dos traços de frieza emocional nos critérios de diagnóstico é apoiada pela investigação pois esta indica que os traços de frieza emocional estão associados ao comportamento antissocial (Frick et al., 2014). A investigação na infância poderá descobrir diversos fatores pertinentes como a nível ambiental (falamos aqui de variáveis parentais), e a nível disposicional (como a inteligência verbal) que poderão proteger as crianças que têm estes défices de demonstrarem os padrões afetivos, interpessoais, autorreferenciais e comportamentais que constituem o constructo da psicopatia em adultos (Frick & Marsee, 2006).

Frick (2009), realça que há um conceito chave muito importante para estes modelos desenvolvimentais, que serão os diferentes estilos temperamentais que poderão colocar a criança em risco de demonstrar comportamentos antissociais e agressivos. A maior parte da investigação focada no temperamento em crianças e jovens foca-se apenas em crianças que já estão sinalizadas como tendo problemas de comportamento. Seria crítico para a investigação futura em crianças estudar os fatores de risco temperamentais (como os *low fearful inhibitions*) cedo na infância para determinar quão bem predizem os traços de frieza emocional e o comportamento antissocial mais tarde na idade adulta. Tais estudos seriam pertinentes para fornecer uma utilidade clínica preditiva, mas também para ajudar a descobrir os fatores protetores e a reduzir a probabilidade de a criança com um fator de risco temperamental vir a demonstrar problemas comportamentais severos. Devido a estes diferentes caminhos desenvolvimentais do comportamento antissocial é importante

que as avaliações clínicas usem instrumentos de avaliação que possam ajudar a determinar quais destes caminhos melhor descrevem a criança que demonstra este padrão de comportamento agressivo e antissocial (Frick, 2009).

Segundo Frick et al. (2014), existem algumas implicações importantes para a prevenção e tratamento. A primeira implicação é ao considerarmos que os traços de frieza emocional envolvem os mesmos processos que ocorrem no desenvolvimento normal da consciência, as intervenções poderão ser implementadas desde cedo no desenvolvimento. Potencialmente poderão ser aplicadas antes do surgimento dos problemas de conduta, tendo como alvo os fatores que estão associados ao desenvolvimento da consciência. A segunda implicação baseia-se no facto de ao reconhecermos os processos únicos que levam aos problemas de conduta severos das crianças e adolescentes com elevados traços de frieza emocional, as intervenções podem ser adaptadas as características únicas deste grupo de crianças (Frick et al., 2014). Ao avançarmos com esta linha de investigação estaremos a aumentar o nosso conhecimento destes subgrupos antissociais que são clinicamente importantes para guiar os avanços da prevenção e tratamento (Frick, 2009). Devido à relevância que os traços de frieza emocional têm na designação de um grupo de crianças e adolescentes com problemas de comportamento, e modelos desenvolvimentais de comportamento antissocial, é importante realçar a urgência de termos um instrumento fiável que forneça uma avaliação destes traços e que possa ser utilizado em diversos tipos de amostragem (Essau et al., 2006).

CAPÍTULO II

ESTUDO EMPÍRICO: METODOLOGIA

1. Objetivos gerais e específicos

A presente investigação tem como **objetivo geral** o estudo da rede nomológica dos precursos de frieza emocional, nomeadamente o estudo da externalização e internalização de comportamentos, a agressividade reativa e proativa e o temperamento em crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. Mais concretamente pretende-se nesta investigação responder à seguinte questão: como podemos operacionalizar cada vez mais cedo os traços de frieza emocional desenvolvimental e como se relacionam estes traços com outros pertinentes da rede nomológica da psicopatia na adultez?

Tendo por base o enquadramento teórico efetuado no primeiro capítulo, foram formulados ainda alguns **objetivos específicos** seguidamente enumerados:

- i) Identificar/ selecionar instrumentos cuja relevância tem sido demonstrada na literatura de acordo com as características da população-alvo (ou seja, crianças com idades compreendidas entre os 2 e 5 anos), e adaptação/ tradução dos mesmos instrumentos;
- ii) Comparação da informação recolhida junto dos diferentes informantes (educadores de infância e encarregados de educação);
- iii) Estudar as relações entre as diferentes variáveis anteriormente descritas;
 - 1) Analisar a relação entre os traços de frieza emocional e a internalização e externalização de comportamentos, avançando-se com as hipóteses:

H1: Os traços de frieza emocional estão positivamente relacionados com a externalização dos comportamentos.

H2: Os traços de frieza emocional estão relacionados com a internalização dos comportamentos.

- 2) Analisar a relação entre os traços de frieza emocional e o comportamento agressivo, avançando-se com as hipóteses;

H3: Os traços de frieza emocional estão positivamente relacionados com o comportamento agressivo;

H4: Os traços de frieza emocional estão positivamente relacionados com a agressividade reativa e com agressividade proativa;

- 3) Analisar a relação entre os traços de frieza emocional e o temperamento, avançando-se com as hipóteses;

H5: Os traços de frieza emocional estão negativamente relacionados com o controlo por esforço;

H6: O défice emocional (*unemotional*) está negativamente relacionada com a extroversão;

H7: O défice emocional (*unemotional*) está positivamente relacionada com a emocionalidade negativa;

H8: A frieza (*callousness*) está positivamente relacionada com a emocionalidade negativa e a extroversão.

H9: A indiferença (*uncaring*) está negativamente relacionada com a emocionalidade negativa

H10: A *indiferença* (*uncaring*) está positivamente relacionada com a extroversão.

- 4) Procurar contribuir para a especificação de possíveis modelos causais explicativos, da agressividade proativa e reativa e qual a sua influência, avançando-se com as hipóteses;

H11: Os traços de frieza emocional são preditores do comportamento agressivo proativo e reativo.

H12: A externalização e internalização de comportamentos são preditores do comportamento agressivo proativo e reativo.

H13: A emocionalidade negativa, o baixo controlo por esforço e a extroversão são preditores do comportamento agressivo proativo e reativo.

2. Descrição e Fundamentação das Metodologias

2.1. Caraterização do estudo

O presente estudo, é um estudo de multi-informantes, na medida em que se recorre a diversos tipos de informantes (encarregados de educação e educadores de infância) com o propósito de recolher informações junto destes, sobre as várias dimensões que se pretende estudar nas crianças dos 2 aos 5 anos. .

Considerando a forma como os dados foram recolhidos e analisados, a presente investigação é constituída por um desenho não-experimental ou observacional, ou seja, não existe manipulação do fenómeno, e classifica-se como sendo transversal, pois os dados são recolhidos num determinado momento temporal, sendo que este tipo de estudos permite averiguar a associação entre variáveis (Marôco, 2010).

O presente estudo é desenhado segundo uma lógica do estudo correlacional, isto é, procura-se verificar se existem relações entre duas ou mais variáveis, não existindo a possibilidade de estudar relações de causa-efeito entre variáveis (Hill & Hill, 2012).

2.2. Constituição da amostra

O presente estudo tem uma amostra constituída por 184 crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos. Os participantes foram selecionados em sete infantários todos localizados na cidade do Porto, consoante a disponibilidade e vontade dos educadores e encarregados de educação em participar na investigação. A amostragem utilizada no presente estudo não é probabilística, pois os elementos não foram selecionados aleatoriamente da população (Hill & Hill, 2012). Portanto, recorreu-se ao método de amostragem por conveniência onde, primeiramente selecionou-se sete infantários localizados na cidade do Porto que autorizassem a recolha de dados e posteriormente selecionou-se as turmas em cada infantário no qual tivessem disponibilidade para participar na investigação. Seis dos sete infantários (Perpetuo Socorro, Florinhas do Lar, Condessa

de Lumbrales, Asas de Ramalde, Centro Infantil Nova Aurora, Nun'Alvares de Campanhã) autorizou a recolha de dados nas salas de 2, 3, 4 e 5 anos e um dos infantários (OSMOP) autorizou a recolha nas salas de 2 e 4 anos.

Portanto, para além dos requisitos já previamente mencionados, acresce um conjunto de critérios pré-definidos de inclusão dos participantes no estudo:

- 1) Infantários serem todos públicos ou Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS);
- 2) Crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 5 anos de idade;
- 3) Devido a serem menores os encarregados de educação terem assinado o consentimento informado;
- 4) Como se trata de um estudo com múltiplos informantes, inclui-se apenas as crianças no qual os encarregados de educação e os educadores de infância aceitaram a participação no estudo e responderam aos respetivos questionários.

Na constituição da amostra teve-se em consideração o tamanho mínimo recomendado pela comunidade científica consoante os procedimentos de análise estatística. A determinação da dimensão da amostra baseou-se na estimação das «regras do polegar», ou seja, esta é constituída por uma regra de aproximação baseada nas experiências de muitos investigadores. O seu objetivo será o de estimar o tamanho mínimo da amostra para que seja possível efetuar uma análise estatística adequada dos dados. Em estudos realizados com análise estatística de correlações entre variáveis, a amostra deverá ter um tamanho mínimo de 40 casos (Hill & Hill, 2012).

2.3. Instrumentos e Operacionalização das variáveis do estudo

No presente estudo pretendemos desenvolver um questionário que meça os traços de frieza emocional, comportamentos externalizadores e internalizadores e a sua associação com o comportamento agressivo, nomeadamente a agressividade reativa e proativa. Para isto utilizaram-se os respetivos instrumentos: *Callous unemotional traits* (ICU), *Child Behavior Checklist* (CBCL), *Teacher Report Form* (TRF), *Aggressive Behavior Rating Scale* (ABRS), *Early Childhood Behavior Questionnaire* (ECBQ) e *Childhood Behavior Questionnaire* (CBQ). Todos

estes questionários serão preenchidos pelos Educadores de Infância e pelos Encarregados de Educação.

2.3.1. *Inventory of Callous Unemotional Traits (ICU)*

Para avaliar os traços de frieza emocional utilizou-se o instrumento *Inventory of Callous Unemotional Traits* (ICU; Frick, 2004). Este questionário, que consiste de 24 itens, foi desenhado para aceder aos traços de frieza emocional, já tendo sido traduzido em mais de vinte línguas, incluindo a portuguesa¹⁸ (Essau et al., 2006; Fanti et al., 2009; Kimonis et al., 2008). O instrumento inclui versões pré-escolares, versões para adolescentes de autorrelato, e de hétero avaliação para os Encarregados de Educação e Professores.

A componente *Callous-Unemotional* tem sido associada com a agressividade mais severa, com padrões de agressividade proativa e violência em amostras de adolescentes detidos do sexo masculino (Fanti, Frick & Georgiou, 2009).

No presente estudo, devido à faixa etária da nossa amostra (2 aos 5 anos de idade) utilizou-se as versões pré-escolares de preenchimento pelos Encarregados de Educação e Educadores de Infância. Esta escala foi traduzida e adaptada para a utilização no presente estudo, quer a versão para Encarregados de Educação, como para Professores. Mais à frente ir-se-á falar no respetivo processo de tradução dos presentes instrumentos e como se obteve a versão final.

A ICU versão pré-escolar é constituída por 24 itens, sendo pedido, para cada item, que o informante indique em que medida essa afirmação se aplica à criança. Cada item é avaliado numa escala de Likert de quatro valores (0 = Totalmente Falso; 1 = Em Parte Falso; 2 = Em Parte Verdade; 3 = Totalmente Verdade). O instrumento está dividido em três subescalas: *Uncaring* (3, 5, 13, 15, 16, 17, 23 e 24), *Callousness* (2, 4, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 18, 20 e 21) e *Unemotional* (1, 6, 14, 19 e 22). A subescala *Uncaring* está associada aos défices da empatia, enquanto que as subescalas *Callousness* e *Unemotional* estão associadas a comportamentos antissociais, problemas de conduta e agressão (Essau et al., 2006; Kimonis et al., 2016; Roose, Bijttebier, Decoene, Claes & Frick, 2010). As várias versões disponíveis apenas incluem diferenças no vocabulário (Ezpeleta, Osa, Granero, Penelo & Domènech, 2013). Vários estudos demonstraram que a ICU é um

¹⁸ A versão traduzida foi apenas a versão de autorrelato para adolescentes.

instrumento válido e fiável (Kimonis et al., 2008; Roose et al., 2010). No estudo de Kimonis et al. (2016), em que se utilizou a versão pré-escolar da ICU, o instrumento apresentou boas medidas de consistência interna (α de Cronbach = .85). O ICU é composto por 12 itens positivos (1, 3, 5, 8, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23 e 24) e 12 itens negativos (2, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 18, 20, 21 e 22). Antes de calcular o resultado total é necessário efetuar um cálculo invertido dos 12 itens negativos.

2.3.2. *Child Behavior Checklist (CBCL)*

A *Child Behavior Checklist* (CBCL; Achenbach, 2001) tem um longo historial na avaliação de crianças, a versão utilizada foi a portuguesa (adaptada por Gonçalves & Simões, 2000). A CBCL pertence a um grande conjunto de escalas, entre as quais a versão para professores (TRF¹⁹), a de autorrelato (YSR²⁰) e medidas de observação em contexto de sala de aula. A versão mais recente da CBCL inclui dois formulários separados, um para idades dos 1 ½ -5 e outro para crianças dos 6-18 anos. O desenvolvimento desta escala reflete a crença do autor de que a avaliação por parte dos pais é uma parte relevante em qualquer sistema multi-informante de avaliação de crianças (Achenbach, 2001).

A CBCL consiste num formulário estandardizado que os encarregados de educação/pais preenchem para descreverem os problemas comportamentais e emocionais das crianças. A CBCL é autoexplicativa e pode ser preenchida em casa, é facilmente administrada pois demora cerca de 15-20 minutos. Contudo, se os encarregados de educação não conseguirem preencher ou não tiverem capacidades para responder às questões, estas podem ser lidas pelo técnico responsável que está a aplicar a CBCL e que de seguida irá anotar as respostas dos encarregados de educação (Achenbach & Ruffle, 2000; Achenbach, Dumenci & Rescorla, 2002). Existem diversas versões da CBCL, mas devido à faixa etária da presente investigação, a versão utilizada foi a concebida para idades compreendidas entre os 1 ½ e os 5 anos, ou seja, utilizamos a versão pré-escolar (CBCL 1 ½ -5 anos). Na presente investigação os encarregados de educação preencheram a CBCL em casa sem qualquer acompanhamento, tendo mais tarde devolvido o protocolo preenchido ao respetivo infantário.

¹⁹ *Teacher Rating Forms*

²⁰ *Youth Self-Report*

A CBCL versão pré-escolar (1 ½-5) inclui 100 itens, que operacionalizam externalização e internalização de comportamentos que as crianças apresentaram nos últimos 6 meses ou na atualidade. A escala encontra-se dividida em internalização de comportamentos, externalização de comportamentos e outros problemas. A dimensão **internalização de comportamentos** é composta pelas seguintes escalas: *emocionalidade reativa* (e.g. “Fica perturbado por qualquer mudança na rotina”), *ansiedade/depressão* (e.g., “Agarra-se aos adultos ou é muito dependente”), *queixas somáticas* (e.g., “Tem dores (sem causa médica conhecida)”), *afastamento* (e.g., “Age de forma demasiado infantil para a sua idade”). Já a **externalização de comportamentos** é constituída por duas escalas: *problemas de atenção* (e.g., “Não consegue concentrar-se, prestar atenção durante muito tempo”), *comportamento agressivo* (e.g., “Não aguenta esperar, quer tudo no momento”). Por fim, **outros problemas** divide-se em duas escalas: *problemas de sono* (e.g., “Não quer dormir sozinho(a)”), *outros problemas* (e.g., “Tem medo de experimentar coisas novas”). Cada item é avaliado através de uma escala de Likert de 3 valores (0 = Não é verdadeira; 1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira; 2 = Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira) (Achenbach & Rescorla, 2000).

Relativamente à forma de administração deste instrumento e ao seu preenchimento, este utiliza uma combinação de preenchimento de espaços em branco com uma escala de resposta de Likert, pois em alguns itens é necessário que os encarregados de educação elaborem ou descrevam o problema. Segundo Achenbach & Rescorla (2000), a CBCL versão pré-escolar (1 ½-5) possui boa fiabilidade. Os coeficientes de consistência interna das escalas variam entre $\alpha = .66$ a $.95$. Relativamente às escalas de avaliação baseadas nos critérios do DSM (*DSM-Oriented Scales*) a consistência interna varia de $.63$ a $.86$. Já quando nos referimos à validade a evidência foca-se na capacidade da escala para efetuar a diferenciação entre amostras clínicas para não clínicas. Os resultados destas análises indicam bons resultados na validade diferencial através das escalas quer para rapazes como raparigas (Frick, Barry & Kamphaus, 2005).

2.3.3. *The Caregiver - Teacher Report Form (C-TRF)*

O *Teacher Report Form* (TRF; Achenbach & Rescorla, 2000), foi desenhado para ser preenchido pelos professores/ educadores de infância. Este instrumento também tem duas versões:

a escolar para crianças dos 6 aos 18 anos (*Teacher Report Form*) e a pré-escolar para crianças entre os 1 ½ e 5 anos (*The caregiver – teacher report form*). A versão utilizada no presente estudo será tal como mencionada anteriormente será a pré-escolar, esta versão utilizada também foi traduzida e adaptada por Gonçalves (Gonçalves & Simões, 2000). O conteúdo da C-TRF é bastante idêntico ao conteúdo da CBCL versão pré-escolar.

O C-TRF (versão pré-escolar) é constituído por 100 itens. A administração da C-TRF demora cerca de 15-20 minutos. O C-TRF é para ser preenchido pelos educadores de infância que cuidam da criança ao longo do dia. A CBCL 1 ½ -5 e a C-TRF são semelhantes e abrangem um conjunto de problemas comportamentais, emocionais e sociais. Relativamente aos problemas comportamentais divide-se da seguinte forma, internalização, externalização dos comportamentos e outros problemas. A **internalização dos comportamentos** divide-se em: *emocionalidade reativa* (e.g., “Tem movimentos nervosos ou tiques”), *ansiedade/ depressão* (e.g., “Os seus sentimentos são facilmente magoados”), *queixas somáticas* (e.g., “Não tolera ter coisas fora do lugar”), *afastamento* (e.g., “Evita olhar os outros nos olhos”). A **externalização dos comportamentos** é constituída pelas escalas: *problemas de atenção* (e.g., “Não é capaz de ficar sentado(a), sossegado(a) é irrequieto(a) ou hiperativo(a)”) e *comportamento agressivo* (e.g., “É cruel, abusivo(a) ou mau (má) para os outros”). Existe uma diferença entre a CBCL 1 ½-5 para o C-TRF, é que este último não tem a escala referente aos *problemas de sono* (Liu, Cheng & Leung, 2011). Cada item é avaliado através de uma escala de Likert de 3 valores (0 = Não é verdadeira; 1 = De alguma forma ou algumas vezes verdadeira; 2 = Muito verdadeira ou muitas vezes verdadeira). Assim como a CBCL 1 ½ -5 (versão pré-escolar) a C-TRF inclui itens das escalas de avaliação referentes ao DSM (*DSM oriented scales*). A C-TRF substitui 17 itens referentes a situações familiares por itens específicos a situações em grupo. A C-TRF pede informação complementar sobre o tipo de infantário/instituição, o papel do respondente (ou seja, se é educador de infância, auxiliar de educação) e pergunta sobre quão bem o respondente conhece a criança em questão (Kristensen, Henriksen & Bilenberg, 2010).

2.3.4. *Aggressive Behavior Rating Scale (ABRS)*

A *aggressive behavior rating scale* (ABRS; Brown, Atkins, Osborne & Milnamow, 1996) foi desenvolvida especialmente para os professores e encarregados de educação avaliarem formas de agressividade proativa e reativa. A escala original era constituída por uma listagem de 28 comportamentos e era avaliada numa escala de likert de 3 pontos. Embora esta escala tenha sido originalmente desenvolvida para avaliar os comportamentos das crianças em idades escolares os itens também se adequam a amostras pré-escolares (Kimonis et al., 2006). Brown et al. (1996), reduziram a escala, sendo esta constituída atualmente por 10 itens de agressividade proativa e 6 itens de agressividade reativa. Os itens são avaliados numa escala de Likert de 3 pontos (0 – nunca; 1 – às vezes; 2 – muitas vezes). Os itens de agressividade proativa são 2, 3, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 15, 16 e os itens de agressividade reativa são constituídos pelos 1, 4, 7, 9, 12, 14.

2.3.5. *Early childhood Behavior Questionnaire (ECBQ) – very short form*

O *Early Childhood Behavior Questionnaire* (ECBQ) foi desenvolvido para avaliar o temperamento das crianças com idades entre os 1 e 3 anos. Esta escala foi desenhada para fornecer de forma mais detalhada informação relativamente ao temperamento. A ECBQ foi desenvolvida de forma a preencher a lacuna existente na avaliação do temperamento em idades pré-escolares, principalmente dos 1-3 anos. A escala original ECBQ é constituída por 201 itens e 18 escalas e pode ser avaliada por encarregados de educação e professores. A escala utilizada no presente estudo foi a ECBQ *very short form*. Esta escala é constituída por 36 itens avaliados numa escala de Likert de 7 pontos (1 - nunca; 2 - muito raramente; 3 - menos de metade do tempo; 4 - metade do tempo; 5 - mais de metade do tempo; 6 - quase sempre; 7 - sempre; NA – não aplicável). O instrumento encontra-se dividido em três dimensões: *negative affect* (16, 17, 19, 32, 2, 26, 10, 22, 23, 1, 33, 34), *surgency* (4, 13, 18, 20, 24, 6, 11, 9, 25, 3, 30, 6), *effortful control* (21, 27, 31, 8, 15, 35, 7, 14, 12, 29, 5, 28).

2.3.6. *Child Behavior Questionnaire (CBQ) – very short form*

A *Child Behavior Questionnaire (CBQ)* é uma escala constituída por 327 itens desenvolvida para avaliar o temperamento das crianças entre as idades de 3 a 7 anos. Na presente investigação escolheu-se usar a *CBQ very short form*. Esta é constituída por 36 itens avaliados numa escala de Likert de 7 pontos (1 -muito falsa; 2 -bastante falsa; 3 -pouco falsa; 4 -nem verdadeira nem falsa; 5 -pouco verdadeira; 6 -bastante verdadeira; 7 -muito verdadeira; NA -não aplicável). A presente escala também está dividida em três dimensões sendo estas *Surgency* (1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28, 31, 34), *negative affect* (2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 26, 29, 32, 35), *effortful control* (3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 33, 36).

2.4. Tradução e Adaptação dos Questionários

Para a realização do presente estudo foram traduzidos/adaptados a ICU, ersão pais e professores O ECBQ e CBQ, para pais e professores. Inicialmente efetuou-se um pedido de autorização junto dos respeitantes autores. Estas escalas foram adaptadas e traduzidas de acordo com as linhas de orientação que são aceites para um tradução bem-sucedida dos instrumentos investigação (Essau, Sasagawa & Frick, 2006). Existem vários obstáculos a serem ultrapassados na tradução de um instrumento. O primeiro obstáculo é a língua, ou seja, a sua transmissão de significados, como o significado pessoal e o significado comum de uma palavra. Por exemplo em cada língua o substantivo, adjetivo ou advérbio tem dois tipos de significados, o pessoal e o comum. No pessoal estão aqueles significados referentes ao que pertence à pessoa. No comum são todos os significados partilhados pela pessoa que usa a palavra, mas também para todas as outras pessoas. A tradução trata dos significados comuns (Hill & Hill, 2012).O segundo obstáculo é a polissemia, ou seja, uma palavra com vários significados comuns. O terceiro obstáculo é a versão da língua, que é problemática quando uma língua tem várias versões nas quais as palavras podem ter significados distintos. Finalmente, o quarto obstáculo é a distinção entre linguagem idiomática e linguagem coloquial, que coloca desafios à tarefa de encontrar formulações apropriadas (Hill & Hill, 2012).

Após ter estas considerações relevantes, traduziu-se cada um dos instrumentos. Após a obtenção de autorização dos autores cada instrumento foi traduzido por dois investigadores. Um terceiro investigador realizou uma versão de consenso, que, após administrações piloto em sistema de reflexão falada, para assegurar que os participantes compreendem todos os itens, foi retrovertida por um quarto elemento com conhecimento técnico de inglês, mas sem conhecimento das escalas em específico. Finalmente, a versão retrovertida foi aprovada pelos autores originais.

3. Procedimentos

Na descrição dos procedimentos iremos primeiramente descrever detalhadamente como ocorreu o processo de recolha de dados, como foi efetuada a aplicação dos questionários aos encarregados de educação e aos educadores de infância. De seguida iremos descrever os procedimentos de análise de dados, e divididos em procedimentos de análise estatística descritiva e procedimentos de análise estatística inferencial.

3.1. Processo de recolha de dados

Numa primeira fase do estudo procedeu-se à obtenção de aprovação pelo comité de ética da Faculdade de Direito Universidade do Porto (FDUP). Segundo Hagan (2010), existem algumas questões éticas que se deverá ter em conta na investigação: (1) evitar procedimentos que possam prejudicar os respondentes; (2) honrar compromissos com os respondentes e respeitar a reciprocidade; (3) exercer a objetividade e integridade profissional durante a investigação; (4) proteger a confidencialidade e privacidade dos respondentes. Um cuidado especial que deverá ser tido em conta é o estatuto de vulnerabilidade dos participantes. Quando os participantes são muito novos ou idosos, devem-se adequar as medidas a serem utilizadas na recolha de dados (Balnaves & Caputi, 2001). No sentido de assegurar todas as situações eventualmente sensíveis, a investigação foi submetida para aprovação do Comité de Ética.

De seguida, entrou-se em contacto com os respetivos infantários através do envio de uma carta formal para cerca de 35 infantários localizados na cidade do Porto, com o intuito de efetuar a presente investigação no respetivo estabelecimento e obter a autorização por parte dos infantários

para proceder à recolha de dados. No entanto, apenas 7 infantários se disponibilizaram a participar na investigação, sendo estes Perpetuo Socorro, Florinhas do Lar, Condessa de Lumbrals, Asas de Ramalde, Centro Infantil Nova Aurora, Nun'Alvares de Campanhã e OSMOP. De seguida, entrou-se em contacto com os respetivos diretores e coordenadoras dos infantários a fim de se agendar uma reunião. A reunião consistiu na explicitação de todos os objetivos, propósitos e procedimentos referentes à investigação e no agendamento das respetivas datas para a recolha de dados.

Portanto, numa primeira etapa entregou-se os questionários no infantário para as educadoras de infância procederem à entrega do mesmo aos encarregados de educação. O envelope continha o consentimento informado (ver **Anexo 1**), o respetivo questionário para ser preenchido pelos Encarregados de Educação e todas as instruções referentes à entrega do mesmo. O consentimento informado consistia na descrição dos objetivos do estudo, informando-se que este é confidencial e que a participação é voluntária, realçando que a não participação no estudo não traria quaisquer consequências, e mencionando que poderia desistir a qualquer momento do estudo. O consentimento informado continha também o contacto da estudante, caso fosse necessário para o esclarecimento de qualquer dúvida. Após a devolução dos questionários devidamente preenchidos pelos Encarregados de Educação passou-se à segunda etapa que seria a entrega dos questionários aos Educadores de Infância. Estes receberam tal como os Encarregados de Educação um envelope com o consentimento e os questionários para preencherem. Só aquelas crianças cujos Encarregados de Educação autorizaram é que participaram no estudo. Finalmente procedeu-se ao levantamento dos questionários dos Educadores de Infância, iniciando-se os procedimentos de análise de dados descritos que iremos mencionar seguidamente.

3.2.Procedimentos de Análise de Dados

Após ter sido efetuada a recolha de dados dos questionários destinados aos encarregados de educação e professores/educadoras de infância, procedeu-se ao tratamento estatístico dos respetivos dados. Primeiramente os dados que foram recolhidos foram codificados numericamente no *software IBM SPSS Statistic Statistical Package for the Social Science*, versão 25. De seguida criou-se a base de dados. Após a construção da base, a análise foi orientada pelos objetivos de investigação.

3.2.1. Procedimentos de Análise Estatística Descritiva

Antes de se efetuar a análise de dados, realizou-se o processo de análise e substituição de valores omissos (substituindo-se itens omissões pela média da escala). De seguida criou-se uma escala única escala CBQ, correspondente ao CBQ em crianças com mais de 3 anos e ECBQ em crianças com menos de 3 anos. Seguidamente, reverteram-se itens invertidos.

De seguida efetuou-se uma análise de estatística descritiva permitindo organizar, descrever e sumariar os dados que foram recolhidos. Utilizaram-se medidas de tendência central como a média, a moda, a mediana e o desvio padrão, ou medidas de frequência para variáveis categoriais..

De seguida calcularam-se os valores de consistência das diferentes escalas, recorrendo-se ao alpha de cronbach (α). Segundo Hill & Hill (2012), um α abaixo de 0.6 é inaceitável, entre 0.6 e 0.7 é fraco, entre 0.7 e 0.8 é razoável, entre 0.8 e 0.9 é bom e por fim maior que 0.9 é excelente.

3.2.2. Procedimentos de Análise Estatística Inferencial

Após a análise da estatística descritiva procedemos à análise da estatística inferencial. Esta análise foi dividida em duas partes. Primeiramente efetuou-se a análise de correlações que permitiu perceber que dimensões estariam inter-relacionadas entre os diversos instrumentos, permitindo quantificar a magnitude e associação das variáveis, estudando desta forma a rede nomológica dos traços de frieza emocional.

Na segunda parte foram efetuadas análises de regressão múltipla para compreender quais os preditores de comportamento agressivo e proativos. Desta análise foram construídos 4 modelos de regressão no total, sendo 2 para cada informante, encarregados de educação e educadores de infância. Relativamente a estes modelos de regressão múltipla utilizou-se o método *enter*. Este método permite que todos os preditores sejam obrigados a entrar como variáveis independentes no mesmo bloco no modelo de regressão.

CAPÍTULO III

ESTUDO EMPÍRICO: RESULTADOS

1. Descrição da amostra

Os resultados que iremos apresentar seguidamente serão baseados nos procedimentos de análise estatística descritiva e, posteriormente, com base nos procedimentos de análise estatística inferencial. Esta apresentação seguirá uma ordem pertinente de acordo com o ponto de vista explicitado nos objetivos de investigação do presente trabalho.

1.1. Caraterização sociodemográfica da amostra em estudo

Na **Tabela 1** estão representadas as caraterísticas sociodemográficas dos participantes em estudo: a amostra do presente estudo é constituída por 184 crianças entre os 2 e os 5 anos de idade, sendo que 54.3% são do sexo masculino e 45.7% são do sexo feminino. Cerca de 98.9% das crianças são de nacionalidade portuguesa.

TABELA 1: Análise descritiva das variáveis sociodemográficas

	N	Prevalência corrente	X	SD	Min.-Max.
Parentesco					
Pai	23	12.5%			
Mãe	154	83.7%			
Outro	3	1.6%			
Situação de emprego					
Empregado	169	98.3%			
Desempregado	3	1.7%			
Missing	12	6.5%			
Crianças	184				

Nacionalidade da criança

Portuguesa	182	98.9%
Outro	2	1.1%

Género da criança

Masculino	100	54.3%
Feminino	84	45.7%

Idade da criança

			3.49	1.116	2-5
2	47	25.5%			
3	44	23.9%			
4	49	26.6%			
5	44	23.9%			

Nota: N: número de sujeitos; X: média amostral; SD: desvio-padrão; Min-Máx.: mínimos e máximos

1.2. Caraterização da amostra segundo as variáveis sob estudo

Nesta secção apresentam-se as estatísticas descritivas das variáveis relativas aos traços de frieza emocional, internalização e externalização de comportamentos, agressividade reativa e proativa e temperamento.

1.2.1. Traços de frieza emocional

Na **Tabela 2** apresentam-se os valores de consistência interna das escalas. Os valores são de modo geral aceitáveis, tendo como exceção apenas os valores da escala dos professores da *callousness* ($\alpha = .850$) e *unemotional* ($\alpha = .891$) que apresentam especialmente uma boa fiabilidade. De acordo com os resultados obtidos sobre os traços de frieza emocional verifica-se na presente tabela que a média amostral das dimensões de *uncaring*, *callousness* e *unemotional* é baixa quando comparada com o valor máximo possível (ver **tabela 2**).

TABELA 2: Caraterização da amostra relativamente aos traços de frieza emocional

	ICU	N	α	X	SD	Min.-Máx
Pais						
	<i>Uncaring</i>	183	.773	0.734	0.501	0.00-3.00
	<i>Callousness</i>	183	.762	0.672	0.514	0.00-2.43
	<i>Unemotional</i>	183	.743	0.551	0.520	0.00-2.20
Professores						
	<i>Uncaring</i>	172	.797	1.02	0.639	0.00-2.50
	<i>Callousness</i>	172	.850	0.701	0.610	0.00-2.33
	<i>Unemotional</i>	172	.891	0.980	0.753	0.00-3.00

Nota: N: número de sujeitos; X: média amostral; SD: desvio-padrão; Min-Máx.: mínimos e máximos

1.2.2. Internalização e externalização de comportamentos

Podemos observar na **Tabela 3**, que nos questionários relatados pelos encarregados de educação temos duas dimensões com um *alpha de cronbach* não aceitável: *anxious/depressed* ($\alpha = .583$) e *somatic complaints* ($\alpha=.512$). Já no questionário relatado pelos educadores de infância verifica-se três dimensões que apresentam um excelente *alpha de cronbach*: *aggressive behavior* ($\alpha=.935$), externalização ($\alpha=.943$) e internalização ($\alpha =.902$). Verifica-se que na maior parte das dimensões a média amostral é baixa, quando comparando com o valor máximo possível (ver **tabela 3**).

TABELA 3: Caraterização da amostra relativamente à internalização e externalização dos comportamentos

	CBCL	N	α	X	SD	Min.-Máx.
Pais						
	<i>Emotionally reactive</i>	184	.672	0.345	0.270	0.00-1.33
	<i>Anxious/depressed</i>	184	.583	0.428	0.270	0.00-1.38
	<i>Somatic complaints</i>	184	.512	0.181	0.177	0.00-1.00
	<i>Withdrawn</i>	184	.625	0.197	0.222	0.00-1.25
	<i>Sleep problems</i>	184	.711	0.453	0.368	0.00-1.86
	<i>Attention problems</i>	184	.536	0.489	0.383	0.00-2.40
	<i>Aggressive Behavior</i>	184	.897	0.515	0.342	0.00-1.74
	<i>Other problems</i>	184	.785	0.259	0.168	0.00-0.79
	Externalização	184	.894	0.509	0.322	0.00-1.67
	Internalização	184	.830	0.280	0.179	0.00-0.89
Professores						
	<i>Emotionally reactive</i>	173	.695	0.181	0.248	0.00-1.43
	<i>Anxious/depressed</i>	173	.630	0.222	0.251	0.00-1.43
	<i>Somatic complaints</i>	173	.812	0.595	0.180	0.00-1.57
	<i>Withdrawn</i>	173	.852	0.170	0.276	0.00-1.50
	<i>Attention problems</i>	173	.853	0.260	0.328	0.00-1.44
	<i>Aggressive Behavior</i>	173	.935	0.184	0.259	0.00-1.32
	<i>Other problems</i>	173	.871	0.132	0.170	0.00-1.32
	Externalização	173	.943	0.204	0.256	0.00-1.35
	Internalização	173	.902	0.159	0.198	0.00-1.19

Nota: N: número de sujeitos; X: média amostral; SD: desvio-padrão; Min-Máx.: mínimos e máximos

1.2.3. Comportamento agressivo

Podemos observar na **tabela 4**, que ambos os questionários apresentam uma fiabilidade razoável Apenas na agressividade proativa ($\alpha=.814$) no questionário relatado pelos educadores de

infância se obtém um bom *alpha*. Descritivamente, verificamos que a média é baixa quando comparada com os valores máximos.

TABELA 4: Caraterização da amostra relativamente ao comportamento agressivo

	ABRS	N	α	X	SD	Min.-Máx.
Pais	agressividade proativa	182	.616	1.27	0.226	1.00-2.00
	agressividade reativa	182	.753	1.62	0.374	1.00-2.50
Professores	agressividade proativa	170	.814	1.22	0.259	0.80-2.70
	agressividade reativa	170	.777	1.37	0.349	0.50-2.67

Nota: N: número de sujeitos; X: média amostral; SD: desvio-padrão; Min-Máx.: mínimos e máximos

1.2.4. Temperamento

Relativamente à fiabilidade da ECBQ, verifica-se na **Tabela 5**, que apenas nos questionários relatados pelos encarregados de educação existem duas variáveis com um *alpha de cronbach* inaceitável, sendo estas dimensões a *surgency* ($\alpha=.303$) e o *effortful control* ($\alpha=.583$).

TABELA 5: Caraterização da amostra relativamente ao temperamento em crianças dos 2 anos

	ECBQ	N	α	X	SD	Min.-Máx.
Pais	<i>Negative affect</i>	46	.767	3.10	0.860	1.58-5.42
	<i>Surgency</i>	46	.303	5.15	0.554	3.91-6.50
	<i>Effortful control</i>	46	.583	4.98	0.600	3.75-6.17
Professores	<i>Negative affect</i>	45	.824	3.85	1.39	2.18-7.33
	<i>Surgency</i>	45	.779	4.58	0.984	2.50-6.42
	<i>Effortful control</i>	45	.617	5.18	0.744	3.92-6.58

Nota: N: número de sujeitos; X: média amostral; SD: desvio-padrão; Min-Máx.: mínimos e máximos

Relativamente à **Tabela 6**, verifica-se na fiabilidade da escala CBQ, que nos questionários relatados pelos encarregados de educação, existem duas dimensões com um *alpha* inaceitável: *negative affect* ($\alpha=.490$) e *surgency* ($\alpha=.557$). Nos questionários relatados pelos educadores de infância existe uma dimensão com um *alpha* inaceitável: *negative affect* ($\alpha=.531$).

TABELA 6: Caraterização da amostra relativamente ao temperamento em crianças dos 3 aos 5 anos

	CBQ	N	α	X	SD	Min.-Máx.
Pais	<i>Negative affect</i>	132	.490	3.10	0.860	1.58-5.42
	<i>Surgency</i>	132	.557	5.15	0.554	3.91-6.50
	<i>Effortful control</i>	132	.708	4.98	0.600	3.75-6.17
Professores	<i>Negative affect</i>	125	.531	3.52	0.817	1.83-5.33
	<i>Surgency</i>	125	.635	4.29	0.854	1.33-6.42
	<i>Effortful control</i>	125	.765	4.71	0.952	2.42-7.17

Nota: N: número de sujeitos; X: média amostral; SD: desvio-padrão; Min-Máx.: mínimos e máximos

2. Comparação das informações recolhidas junto dos encarregados de educação e dos educadores de infância

O presente estudo trata-se de uma investigação com múltiplos informantes, portanto será pertinente comparar as informações recolhidas entre os encarregados de educação e os educadores de infância. Para tal, efetuou-se testes para analisar as dimensões das várias escalas utilizadas. Note-se que aquando da presente comparação das respetivas dimensões apenas se comparou as

dimensões que eram comuns em ambas as escalas²¹. Dada a natureza exploratória desta análise, e dando o elevado número de comparações realizadas, adota-se como nível de significância crítico um valor de $p = .01$.

Na **Tabela 7**, observa-se que apenas a dimensão *callousness* não apresenta significância estatística ($p = .479$).

TABELA 7: Comparações entre as respostas dos pais e professores para os traços de frieza emocional

	Pais	Professores	Df	<i>p</i>
Uncaring	.720	1.02	170	.000
Callousness	.666	.704	170	.479
Unemotional	.563	.980	170	.000
ICU	.649	.903	170	.000

Relativamente à **tabela 8**, verifica-se que apenas a *withdrawn* não apresenta significância estatística ($p = .150$).

TABELA 8: Comparações entre as respostas dos pais e professores para a externalização e internalização

	Pais	Professores	Df	<i>p</i>
Em. Reactive	.347	.181	172	.000
Anxious/depressed	.435	.222	172	.000
Somatic comp.	.185	.059	172	.000
Withdrawn	.204	.170	172	.150
Att. Problems	.494	.260	172	.000
Ag. Behavior	.515	.184	172	.000

²¹ De notar que quando falamos na CBCL não analisamos na **Tabela 8** os *sleep problems* pois só se encontram presentes na escala avaliada pelos encarregados de educação e não da avaliadas pelos educadores de infância.

Precursos Desenvolventais de Frieza Emocional

Other Problems	.264	.132	172	.000
Internalization	.511	.204	172	.000
Externalization	.285	.159	172	.000

Pode-se verificar na **tabela 9**, que apenas a agressividade proativa não apresenta significância estatística ($p = .040$).

TABELA 9: Comparações entre as respostas dos pais e professores para a agressividade reativa e proativa

	Pais	Professores	Df	<i>p</i>
Ag. Reativa	1.62	1.36	167	.000
Ag. Proativa	1.27	1.22	167	.040

Na **tabela 10**, todas as dimensões apresentam significância estatística ($p = .000$).

TABELA 10: Comparações entre as respostas dos pais e professores para o temperamento

	Pais	Professores	Df	<i>p</i>
Neg. Affect	4.03	3.60	167	.000
Eff. Control	5.24	4.84	167	.000
Surgency	4.69	4.35	167	.000

2.1. Concordância inter- informantes para os traços de frieza emocional

Um dos objetivos da investigação é entender o grau de concordância entre os múltiplos informantes, para tal fez-se uma análise mais rigorosa entre os questionários relatados pelos encarregados de educação e pelos educadores de infância sobre a frieza emocional nas crianças.

Na **Tabela 11**, apresenta-se as correlações entre os questionários dos dois informantes. Conforme apresentado na **tabela 11**, verifica-se uma concordância positiva, forte e significativa relativamente às variáveis *uncaring* e *callousness*. Verifica-se o mesmo relativamente ao score total da ICU

TABELA 11: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre os traços de frieza emocional

		Professores			
		Uncaring_T	Callousness_T	Unemotional_T	ICU_T
Pais	Uncaring_P	.262**	-	-	-
	Callousness_P	-	.208**	-	-
	Unemotional_P	-	-	.130	-
	ICU_P	-	-	-	.231**

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p < .01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p < .05$ (2-tailed).

2.1. Concordância inter-informantes para externalização e internalização de comportamentos

Decidiu-se comparar as várias dimensões da CBCL entre os dois informantes, tendo em consideração apenas aquelas que contêm itens em comum entre as diferentes escalas. Na **Tabela 12**, verifica-se algumas correlações positivas e significativas estatisticamente. Apenas três dimensões não se encontram correlacionadas inter-informantes, sendo elas *emotionally reactive*, *anxious/depressed* e *other problems*.

TABELA 12: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre a internalização e externalização de comportamentos

	1_T	2_T	3_T	4_T	5_T	6_T	7_T	8_T	9_T
1.Emotionally reat._P	.149	-	-	-	-	-	-	-	-
2.Anxious/dep_P	-	.048	-	-	-	-	-	-	-
3.Somatic comp_P	-	-	.183*	-	-	-	-	-	-
4.Withdrawn_P	-	-	-	.238*	-	-	-	-	-
5.Attention Pr_P	-	-	-	-	.169*	-	-	-	-
6.Aggressive Beh_P	-	-	-	-	-	.315**	-	-	-
7.Other Problems_P	-	-	-	-	-	-	.148	-	-
8.Externalization_P	-	-	-	-	-	-	-	.283**	-
9.Internalization_P	-	-	-	-	-	-	-	-	.167*

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p < .01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p < .05$ (2-tailed).

1.1. Concordância inter-informantes para comportamentos agressivos

Na **Tabela 13**, apresentam-se os níveis de concordância entre os informantes relativamente à agressividade reativa e proativa. Verifica-se na tabela, que não existe concordância entre as respostas dadas.

TABELA 13: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre a agressividade reativa e proativa

	Professores	
	1_T	2_T
Pais		
1_Agres. Reativa_P	.068	-
2_Agres. Proativa_P	-	.090

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p < .01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p < .05$ (2-tailed).

1.1. Concordância multi-informantes para temperamento

Nas seguintes tabelas, apresenta-se o nível de concordância das respostas entre os vários informantes relativamente ao temperamento. Como se utilizou dois questionários diferentes, estes dados estarão divididos em duas tabelas ECBQ (temperamento em crianças de 2 anos) e CBQ (crianças dos 3 aos 5 anos).

Na **Tabela 14**, apresenta-se as correlações do temperamento relativamente à ECBQ entre os múltiplos informantes. Verifica-se uma correlação forte, positiva e estatisticamente significativa na dimensão *effortful control* ($r = .448$).

TABELA 14: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre o temperamento em crianças de 2 anos

		1_T	2_T	3_T
ECBQ	1_Neg. Aff_P	.235	-	-
	2_Surg_P	-	.026	-
	3_Eff. Cont_P	-	-	.448**

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p < .01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p < .05$ (2-tailed).

Na **tabela 15**, pode-se observar que na CBQ existe uma correlação forte, positiva e significativa na dimensão *surgency* ($r = .365$) entre os diferentes informantes.

TABELA 15: Correlações entre as informações dos múltiplos informantes (encarregados de educação e professores) sobre o temperamento em crianças dos 3 aos 5 anos

		1_T	2_T	3_T
CBQ	1_Neg. Aff_P	.018	-	-
	2_Surg_P	-	.365**	-
	3_Eff. Cont_P	-	-	.117

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p < .01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p < .05$ (2-tailed).

3. Relações entre variáveis

De seguida, de forma a analisar a rede nomológica dos traços de frieza emocional analisou-se as correlações entre as várias escalas.

3.1. Relação entre os traços de frieza emocional e a externalização e internalização dos comportamentos

Na **tabela 16**, apresentam-se as correlações entre as escalas da ICU e a externalização e internalização dos comportamentos reportados na CBCL. Verifica-se que todas as variáveis estão positivamente correlacionadas e são estatisticamente significativas, destacando-se as relações superiores a $r=.50$ para externalização e uncaring, callousness e ICU total no caso dos pais (e com ICU total no caso dos professores).

TABELA 16: Correlações entre os traços de frieza emocional e a externalização e internalização dos comportamentos

	Int.	Ext.
Pais		
Uncaring	.334**	.509**
Callousness	.318**	.504**
Unemotional	.316**	.179*
Total ICU_P	.435**	.534**
Professores		
Uncaring	.373**	.471**
Callousness	.431**	.714**
Unemotional	.366**	.226**
Total ICU_T	.475**	.555**

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p<.01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p<.05$ (2-tailed).

3.2. Relação entre os traços de frieza emocional e o comportamento agressivo

Na **tabela 17**, apresenta-se as correlações entre a frieza emocional e o comportamento agressivo, nomeadamente a agressividade reativa e proativa. Observa-se que as únicas dimensões nas quais não existe correlação estatisticamente significativa, é a dimensão *unemotional* dos traços de frieza emocional, quer seja com a agressividade proativa ou reativa. Destaca-se a relação forte entre ICU total e agressividade reativa no caso dos professores e de callousness com ambos os tipos de agressividade no caso dos professores.

TABELA 17: Correlações entre os traços de frieza emocional e o comportamento agressivo

	Ag. Rea.	Ag. Pro.
Pais		
Uncaring	.343**	.287**
Callousness	.383**	.307**
Unemotional	.223*	.039
Total ICU_P	.426**	.283**
Professores		
Uncaring	.238*	.270**
Callousness	.531**	.608**
Unemotional	.191	.190
Total ICU_T	.379**	.419**

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p < .01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p < .05$ (2-tailed).

3.3. Relação entre os traços de frieza emocional e o temperamento

Na **Tabela 18**, verifica-se as correlações entre os traços de frieza emocional e o temperamento. Na análise estatística da escala do temperamento codificou-se a ECBQ e a CBQ de

modo a que quando se obtivesse os resultados das escalas correspondessem a ambas²². Portanto, na **tabela 18** apresenta-se a análise de ambas as escalas apenas separando os questionários por informantes.

TABELA 18: Correlações entre os traços de frieza emocional e o temperamento – questionários destinados aos pais e professores

	Neg. affect	Eff. Control	Surgency
Pais			
Uncaring	.137	-.479**	.028
Callousness	.250**	-.306**	.092
Unemotional	.121	-.136	-.179*
Total ICU_P	.228*	-.406**	-.027
Professores			
Uncaring	.007	-.297**	-.066
Callousness	.118	-.095	.201**
Unemotional	-.048	-.119	-.268**
Total ICU_T	.024	-.206**	-.074

Nota: **A correlação é significativa ao nível $p < .01$ (2-tailed); *A correlação é significativa ao nível $p < .05$ (2-tailed).

4. Variáveis preditoras dos comportamentos agressivos

Nesta secção utilizou-se uma análise de regressão linear múltipla, com o objetivo de compreender quais os preditores do comportamento agressivo proativo e reativo. Para cada variável construiu-se um modelo de regressão em função de cada fonte de informação, encarregados de educação e educadores de infância.

²² visto a que a ECBQ era para avaliar crianças dos 2 anos e a CBQ para avaliar crianças dos 3 aos 5 anos no presente estudo

4.1. Variáveis predictoras do comportamento agressivo reativo relatadas pelos encarregados de educação e pelos educadores de infância

Observando a **tabela 19**, verifica-se que 46.8% da variância do comportamento agressivo reativo é explicado pelas variáveis independentes no modelo de regressão múltipla. A externalização de comportamento e o afeto negativo surgem como preditores significativos da agressividade reativa.

TABELA 19: Variáveis predictoras do comportamento agressivo reativo relatado pelos encarregados de educação – modelo de regressão final

Preditor	B	SE B	β	t	P
Uncaring_P	.074	.056	.096	1.323	.188
Callousness_P	.067	.053	.093	1.269	.206
Unemotional_P	.040	.046	.056	.870	.386
Externalização_P	.414	.114	.350	3.645	.000
Internalização_P	.230	.181	.109	1.274	.204
Neg. Affect_P	.093	.026	.244	3.599	.000
Eff. Control_P	.067	.037	.123	1.789	.075
Surgency_P	-.025	.030	-.050	-.828	.409
R²	.468				

Relativamente aos educadores de infância (**tabela 20**), **verifica-se** que 45.5% da variância do modelo é explicada pelas variáveis independentes. Nesta tabela verifica-se que apenas a externalização de comportamentos é preditor significativo da agressividade reativa.

TABELA 20: Variáveis predictoras do comportamento agressivo reativo relatado pelos educadores de infância – modelo de regressão final

Preditor	B	SE B	β	t	P
Uncaring_T	-.075	.043	-.138	-1.767	.079
Callousness_T	.073	.057	.127	1.283	.201
Unemotional_T	.043	.037	.092	1.153	.251
Externalização_T	.788	.150	.581	5.255	.000
Internalização_T	.001	.161	.000	.004	.996
Neg. Affect_T	.007	.024	.019	.273	.786
Eff. Control_T	.008	.026	.020	.303	.762
Surgency_T	.035	.033	.089	1.062	.290
R²	.455				

4.2. Variáveis predictoras do comportamento agressivo proativo relatados pelos encarregados de educação e pelos educadores de infância

Passando agora aos resultados da regressão linear múltipla do comportamento agressivo proativo. Na **Tabela 21**, verifica-se que 25.7% da variância do modelo é explicada pelas variáveis independentes no modelo. Também aqui apenas temos um preditor estatisticamente significativo, sendo este a externalização do comportamento.

TABELA 21: Variáveis predictoras do comportamento agressivo proativo relatado pelos encarregados de educação – modelo de regressão final

Preditor	B	SE B	β	t	P
Uncaring_P	.014	.040	.030	.354	.724
Callousness_P	.038	.038	.086	.995	.321
Unemotional_P	-.034	.033	-.078	-1.022	.308
Externalização_P	.288	.081	.401	3.536	.001
Internalização_P	.034	.129	.027	.263	.793
Neg. Affect_P	.011	.018	.047	.581	.562
Eff. Control_P	-.005	.027	-.016	-.193	.847
Surgency_P	.012	.022	.041	.577	.565
R ²	.257				

Relativamente aos encarregados de educação, verifica-se que 54.8% da variância do modelo é explicada pelas variáveis independentes. Verifica-se que existem diversas variáveis que são estatisticamente significativas, sendo estas a *callousness*, *externalização de comportamentos*, *internalização de comportamentos*, *negative affect* e o *effortful control*.

TABELA 22: Variáveis predictoras do comportamento agressivo proativo relatado pelos educadores de infância - modelo de regressão final

Preditor	B	SE B	B	T	P
Uncaring_T	-.036	.028	-.091	-1.277	.204
Callousness_T	.120	.038	.287	3.190	.002
Unemotional_T	-.015	.025	-.044	-.613	.541
Externalização_T	.400	.100	.404	4.016	.000
Internalização_T	.304	.107	.239	2.846	.005
Neg. Affect_T	-.053	.016	-.210	-3.307	.001
Eff. Control_T	.034	.017	.122	2.006	.047
Surgency_T	.041	.022	.145	1.904	.059
R ²	.548				

CAPÍTULO IV

ESTUDO EMPÍRICO:

DISCUSSÃO DE RESULTADOS E CONCLUSÃO

A presente investigação teve como objetivo principal estudar a relação entre os traços de frieza emocional, a externalização dos comportamentos, o comportamento agressivo reativo e proativo e o temperamento em crianças em idades pré-escolares entre os 2 e os 5 anos de idade.

Devido à idade das crianças que participaram no presente estudo, a avaliação foi efetuada pelo que a literatura científica recomenda como sendo mais adequada, ou seja, recolheu-se todas as informações juntos dos encarregados de educação e dos educadores de infância. O primeiro objetivo da presente investigação prendeu-se com a identificação de instrumentos cuja relevância tem sido demonstrada na literatura de acordo com as características da população-alvo. Portanto para isso selecionou-se todos aqueles instrumentos que eram mais utilizados pela comunidade científica para avaliar cada uma das dimensões: para os traços de frieza emocional utilizou-se a ICU, para medição da externalização e internalização de comportamentos foi utilizada a CBCL, para a agressividade reativa e proativa foi a ABRS e por fim para o temperamento foram utilizadas a ECBQ e CBQ conforme o explanado no *capítulo II*. Relativamente à avaliação dos traços de frieza emocional, decidiu-se optar por uma escala que tem sido muito utilizada a nível da investigação científica, que é o *Inventory of callous unemotional traits*. Vários estudos têm vindo a demonstrar a validade da presente escala e como esta é consistente em termos de resultados (Kimonis et al., 2008; Ciucci et al., 2014; Waller et al., 2016). Passando para a avaliação da externalização e internalização de comportamentos optou-se pela escala mais utilizada e já validada várias vezes, sendo esta a *Child Behavior Checklist*. Múltiplos estudos têm vindo a confirmar a fiabilidade e validade dos resultados da presente escala. Estes questionários são os mais utilizados no mundo, o questionário de acesso aos traços em idades pré-escolares pode ser usado para aceder a vários problemas sociais, emocionais e comportamentais pela perspetiva dos múltiplos informantes em diversos contextos, sendo útil para expandir o conhecimento (Kristensen, Henriksen, & Bilenberg, 2010). Relativamente à escala usada para medir a agressividade reativa e

proativa, esta normalmente é utilizada em amostras de adolescentes sendo que apenas se encontrou um estudo de Kimonis em que este utilizava a mesma escala que se utilizou neste estudo. A escala que se utilizou para medir a agressividade foi a *aggressive behavior rating scale* (ABRS), sendo que no estudo de Kimonis esta também foi utilizada numa amostra com idades pré-escolares (Kimonis et al., 2006). Desta forma com o presente estudo já poderemos ter um ponto de comparação entre ambas as escalas para tentar perceber de melhor forma como estas avaliam estes comportamentos. Quando falamos na ECBQ e na CBQ surgem algumas preocupações pela escala em si e na sua validade. Na presente investigação podemos observar alguma preocupação relativamente para com o resultado do *alpha de cronbach* nestas duas escalas. A investigação mais recente verificou algumas divergências na estrutura fatorial da escala, o que poderá implicar o facto de alguns constructos temperamentais poderem não estar bem representados (Ezpeleta et al., 2017).

Segundo Achenbach e colegas (2008), este tipo de escalas utilizadas para avaliar as crianças através dos relatos dos encarregados de educação e educadores de infância são utilizadas vastamente pela comunidade científica. Muitas das escalas têm sido utilizadas para designar possíveis comportamentos problemáticos entre crianças e adolescentes. O mais recomendado pela investigação científica é a utilização de múltiplos informantes pois poderá trazer informação útil para os estudos. Mas este tipo de questionários clínicos poderá trazer vantagens e desvantagens. Mencionando primeiro as vantagens, o facto de serem questionários estes são mais fáceis de aplicar, mais baratos e requerem menos tempo para a sua administração. Os questionários permitem quantificar os aspetos qualitativos do comportamento das crianças que poderão não estar prontos para serem avaliados por outros meios. Referindo-nos agora às desvantagens, por vezes a aplicação de questionários poderá levar a maiores erros sistemáticos, como a severidade das avaliações, assim como os erros lógicos. Por exemplo, o facto de os questionários poderem ser aplicados sem a presença do investigador, poderá ser uma grande desvantagem, pelo simples facto de os respondentes poderem achar que os questionários não são esclarecedores, podendo levar ao enviesamento de informação por falta de compreensão das questões. Uma outra desvantagem poderá ser o facto de os questionários por vezes não serem suficientes para este tipo de recolha de informação, sendo sempre aconselhável a utilização da combinação de instrumentos que avaliem de várias formas o que estamos a medir, como por exemplo a observação de comportamentos (Achenbach et al., 2008; Achenbach & Rescorla, 2001).

Tendo em consideração a idade precoce das crianças, e ao que a literatura científica recomenda a avaliação dos traços de frieza emocional, do temperamento e dos comportamentos agressivos, de externalização e internalização destas baseou-se em informações recolhidas junto dos encarregados de educação e dos educadores de infância. Deste modo, o segundo objetivo da investigação debruçou-se sobre a comparação da informação recolhida entre os informantes (encarregados de educação e educadores de infância), ou seja, pretendia-se responder à pergunta: quem problematizará mais os comportamentos? Os resultados obtidos demonstram que os encarregados de educação tendem a problematizar mais os comportamentos das crianças do que os educadores de infância, uma vez que os encarregados de educação tendem a cotar de um modo mais elevado em todas as escalas avaliadas. A primeira possibilidade a apontar relativamente a este resultado será o contexto da criança. As crianças serão avaliadas consoante o contexto e o ambiente em que os informantes se encontram, ou seja, os encarregados de educação verão a criança de uma forma diferente da visão e contexto dos educadores de infância. Segundo Achenbach e Rescorla (2001), as crianças apresentarão comportamentos distintos consoante o ambiente em que se encontrem, quer seja este o contexto escolar ou familiar. Isto poderá levar a que os educadores de infância e os encarregados de educação percecionem de forma distinta os comportamentos que as crianças apresentem. Achenbach e colegas (2008) mencionam que também a diferente forma que as crianças interagem também poderá implicar uma influência no julgamento de encarregados de educação e educadores de infância, significando que os encarregados de educação não têm a mesma perceção das crianças que os educadores de infância. Por exemplo a presença de pares poderá alterar o comportamento das crianças. Uma outra possível explicação da discrepância dos resultados entre os informantes poderá ser pelo facto de quando falamos dos educadores de infância estes terem que avaliar uma turma inteira e não apenas uma criança. Isto poderá levar a algumas vantagens e desvantagens. Por exemplo, uma vez que os educadores de infância estão a avaliar uma turma poderão ter aqui um ponto de comparação de uma criança para outra. No entanto, o facto de os professores terem uma carga de trabalho maior e poderem não responder à maior parte dos itens ou até mesmo responder de forma geral para limitar a validade das suas respostas (Achenbach et al., 2008).

O terceiro objetivo deste estudo versou sobre a análise de possíveis relações entre as diferenças individuais nos traços de frieza emocional e a adoção de comportamentos de

externalização e internalização. Tendo por base a literatura teórica explanada no *capítulo I* avançou-se com a hipótese de os traços de frieza emocional estão positivamente relacionados com a externalização e internalização de comportamentos reportados pelos encarregados de educação e educadores de infância. Tal como esperado encontrou-se correlações fortes, positivas e estatisticamente significativas (ver **tabela 16**). O facto de os traços de frieza emocional estarem positivamente relacionados com a externalização e internalização de comportamentos, é espectável segundo a literatura (Ezpeleta et al., 2013). Ao longo da literatura tem se tentado encontrar evidência que suporte uma associação entre os traços de frieza emocional e a externalização dos comportamentos em crianças com idades pré-escolares e através de múltiplos informantes. Tem sido sugerido que a associação entre os traços de frieza emocional e a externalização de comportamentos parece ser moderada por outras características chave. Song e colegas (2015), demonstraram que elevados níveis de traços de frieza emocional prediziam elevados níveis de externalização de comportamentos, principalmente quando as crianças tinham baixos níveis de teoria da mente. Verificaram ainda que elevados níveis de relatos de encarregados de educação acerca dos traços de frieza emocional aos 3 anos de idade, prediziam mais comportamentos problemáticos do que os relatados por professores aos 6 anos e 10 anos de idade. Este achado é consistente com outros estudos que demonstraram um contributo único de comportamentos em idades pré-escolares desde os traços de frieza emocional até à externalização de comportamentos mais tarde na adolescência (Song et al., 2015; Kimonis et al., 2006). Portanto daqui verifica-se a importância de realçar e examinar precocemente os traços de frieza emocional como um fator de risco único para um comportamento particularmente severo persistente de externalização de problemas através da infância, e no qual poderia ser usado para prevenir e intervir nos comportamentos em crianças com idades pré-escolares (Dadds et al., 2012; Waller et al., 2013; Song et al., 2015). Segundo Frick, crianças com elevados traços de frieza emocional apresentam elevados níveis de externalização de comportamentos isto é consistente com os resultados apresentados neste estudo (Oxford, Cavell, & Hughes, 2003).

Ainda no terceiro objetivo, mas no ponto 2, passamos para os objetivos referentes aos comportamentos agressivos. Aqui as hipóteses estabelecidas foram primeiramente que os traços de frieza emocional estariam positivamente relacionados com a externalização de comportamentos e em segundo lugar que os mesmos traços estariam relacionados com a agressividade reativa e

proativa. No que concerne à relação entre os traços de frieza emocional e os comportamentos agressivos verificou-se para cada dimensão dos traços de frieza emocional a natureza da relação com a agressividade reativa e proativa. Como verificado em estudos anteriores (Frick, Boris, Smyke & Zeanah, 2006) a agressividade reativa e proativa está positivamente correlacionada com os diferentes traços de frieza emocional para os dois tipos de informantes (com a exceção da *unemotional* que quando analisada para os educadores de infância não se correlaciona com a agressividade no caso dos professores e apenas com a agressividade reativa quando reportada pelos encarregados de educação). É também interessante verificar que para a dimensão *callousness* quando reportada pelos educadores de infância as correlações tendem a ser mais fortes do que quando reportadas pelos encarregados de educação. Um dos primeiros estudos que correlacionou os traços de frieza emocional e a agressividade proativa e reativa, verificou que mesmo em amostras de crianças mais velhas estas características estariam mais associadas com agressividade no geral ou com a agressividade proativa (Frick et al., 2003). Uma das possíveis explicações para o facto de os encarregados de educação apresentarem relações mais fortes na agressividade reativa e os educadores de infância na agressividade proativa poderá ter a ver com as práticas parentais e com o castigo imposto pelos pais. Segundo Dodge e colegas (1990), a agressividade reativa está mais associada aos castigos corporais. Isto poderá ser uma interpretação alternativa para as possíveis diferenças existentes entre os relatos. Segundo Kimonis e colegas (2006), a agressividade que é percebida como real ou como uma provocação pelos outros poderá ser mais normativa em amostras pré-escolares, e apenas agressividade com um ganho instrumental poderá ser um indicativo de problemas no desenvolvimento. O estudo da agressividade e da sua utilidade para os traços de frieza emocional é pertinente para a investigação, para percebermos se a utilidade preditiva apenas está confinada ao comportamento antissocial mais severo ou se mesmo na ausência deste comportamento se encontra relacionada (Frick et al., 2002).

Por fim relativamente às relações estabelecidas entre os traços de frieza emocional e o temperamento, verifica-se como já espectável, que a baixa propensão para o *effortful control* está relacionada com uma maior apresentação de traços de frieza emocional, estabelecendo-se uma relação negativa moderada com as dimensões (*uncaring*, *callousness*) reportadas pelos encarregados de educação e negativa baixa na *uncaring* para os professores. Quando analisados os traços de frieza emocional em conjunto há uma relação negativa mais forte para os pais do que para

os professores. Ainda neste âmbito e, no que toca, a relação entre o *negative affect* e as diferentes dimensões do temperamento constata-se que este apenas se correlacionou positivamente com a *callousness* reportada pelos encarregados de educação e na escala em geral, não havendo correlação estatisticamente significativa quando reportado pelos professores. Por último, relativamente à relação entre a *surgency* e os traços de frieza emocional, verifica-se que há uma relação baixa e negativa apenas para a *unemotional* para os pais, sendo que para os educadores de infância esta se encontra relacionada com a *callousness* e com a *unemotional* estabelecendo relações também baixas, positiva para a primeira e negativa para a segunda. Quando falamos nas escalas do temperamento a ECBQ e a CBQ, a investigação destas escalas e os traços de frieza emocional ainda é muito recente, existindo até à data, apenas 2 estudos que tenham aplicado em conjunto a ICU e a CBQ. Assim sendo, a própria interpretação deste instrumento encontra-se um pouco limitada para poder fazer um ponto de referência com a literatura. O que apenas podemos mencionar relativamente a estas escalas é que relativamente aos resultados a presente escala encontra-se de acordo com os dados referidos noutros estudos (Ezpeleta et al., 2017; Ezpeleta et al., 2016).

Por fim, é de igual importância discutir os modelos de regressão para o comportamento agressivo reativo e proativo. No modelo para o comportamento reativo reportado pelos encarregados de educação, verificou-se que a variância total explicada por este modelo é de 46.8%, e verificou-se que a externalização dos comportamentos e *negative affect* surgem como preditores significativos. Relativamente aos educadores de infância verifica-se que neste modelo a variância total explicada é de 45.5%, sendo a externalização de comportamentos o único preditor significativo. Relativamente à agressividade proativa, verifica-se no relato feito pelos encarregados de educação (ver **tabela 21**), que este modelo apenas explica 25.7% da variância total, sendo a externalização de comportamentos um preditor estatisticamente significativo da agressividade proativa. A imagem é bastante diferente no caso dos professores, com 54.8% da variância explicada e com *callousness*, a externalização e internalização de comportamentos, o *negative affect* e o *effortful control*, surgindo como preditores.

Concluindo, a investigação relativamente aos traços de frieza emocional e aos mecanismos desenvolvimentais adjacentes ao comportamento antissocial pode fornecer pistas importantes para diversos tipos de intervenções e até mesmo para estas serem mais eficazes. É necessário a investigação futura explorar melhor estas dimensões aqui apresentadas, sendo elas os traços de

frieza emocional, a externalização de comportamentos, o comportamento agressivo e o temperamento para se conseguir explorar de que forma estes traços se encontram associados.

Limitações e implicações para investigações futuras

Apesar do contributo da presente investigação para o conhecimento científico sobre o respetivo tema, devem ser salientadas algumas limitações e referir alguns aspetos que poderão ser alvo de crítica e devem ser considerados, para que em possíveis investigações futuras possam ser colmatadas. A primeira limitação é o facto de a presente investigação apenas se ter focado numa amostra normativa, não nos permitindo comparar os traços com uma amostra disruptiva, para perceber efetivamente se os mesmos traços estarão presentes em ambas as amostras. Futuramente aconselha-se a recolher uma amostra mais extensa e diversificada para perceber até que ponto estas características se mantêm. Para além disto, será pertinente tentar replicar o estudo numa amostra de adolescentes e de adultos para tentar compreender a estabilidade das relações entre os traços. Poderá ainda ser interessante tentar seguir a amostra num estudo longitudinal para verificar se estes traços se mantêm estáveis ao longo do desenvolvimento.

No presente estudo utilizamos múltiplos informantes para a recolha de dados, mas para além destes será pertinente futuramente tentar selecionar outros instrumentos que sejam mais fiáveis e que nos permitam avaliar os traços de uma outra forma, utilizando métodos diversificados como por exemplo a observação de comportamentos. Poderá ser interessante utilizar a aplicação de entrevistas para investigações futuras. Pode-se mencionar também uma outra limitação no presente estudo, sendo esta a baixa concordância entre informantes para algumas escalas, por isso mesmo se deverá utilizar um outro conjunto de métodos para tentar colmatar esta limitação.

Uma grande limitação no presente estudo foi o facto da aplicação de 4 questionários diversificados, pois isto tornou-se um pouco exaustivo quer para os encarregados de educação como para os educadores de infância que tiveram de responder a um elevado número de questionários para cada criança. Portanto, talvez fosse interessante tentar adaptar uma outra forma de avaliação destes traços ou até quem sabe, a criação de uma escala que nos permitisse avaliar todas estas dimensões, mas de uma forma mais curta.

Precursos Desenvolventais de Frieza Emocional

No presente estudo também houve uma grande limitação que foi o facto de quer a escala ECBQ e a CBQ nem todas as dimensões apresentarem um grau de fiabilidade razoável. Embora se tenha usado ambas as escalas para efetuar a análise estatística e verifica se existia alguma relação entre as variáveis, aconselha-se em futuros estudos a utilização de um outro instrumento para a medição do temperamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Achenbach, T. M. (2001). *Manual for the ASEBA school age forms and profiles*. Burlington, VT: Research Center for Children, Youth, and families.
- Achenbach, T. M., & Rescorla, L. A. (2000). *Manual for the ASEBA preschool forms and profiles*. Burlington, VT: Research Center for Children, Youth, and Families.
- Achenbach, T. M., Dumenci, L., & Rescorla, L. A. (2002). Ten-Year Comparisons of Problems and Competencies for National Samples of Youth: Self, Parent, and Teacher Reports. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders, 10, No. 4*, 194-203.
- Achenbach, T., & Ruffle, T. (2000). The Child Behavior Checklist Related Forms for Assessing Behavioral/ Emotional Problems and Competencies. *Pediatrics in Review, 21, No.1*, 265-280.
- Andershed, H. (2010). Stability and Change of Psychopathic Traits: What do we know? In R. T. Salekin, & D. R. Lynam, *Handbook of Child and Adolescent Psychopathy*. (pp. 233-250). New York: The Guilford Press.
- Arrigo, B. A., & Shipley, S. (2001). The Confusion Over Psychopathy (I): Historical Considerations. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 45 (3)*, 325-344. doi:10.1177/0306624X01453005
- Baker, E., Baibazarova, E., Ktistaki, G., Shelton, K. H., & Van Goozen, S. H. (2012). Development of fear and guilt in young children: Stability over time and relations with psychopathology. *Development and Psychopathology, 1-13*. doi:10.1017/80954579412000399
- Balnaves, M., & Caputi, P. (2001). *Introduction to Quantitative Research Methods. An Investigative Approach*. London: Sage.
- Barry, C. T., & Loney, B. R. (2000). The Importance of Callous-Unemotional Traits for Extending the Concept of Psychopathy to Children. *Journal of Abnormal Psychology, 109, No 2*, 335-340.

- Berdan, L., Keane, S., Calkins, & S. (2008). Temperament and Externalizing Behavior: Social Preference and Perceived Acceptance as Protective Factors. *Dev. Psychology*. doi:10.1037/0012-1649.44.4.957
- Blair, R. (1999). Responsiveness to distress cues in the child with psychopathic tendencies. *Personality and Individual Differences*, 27, 135-145.
- Blair, R. J. (1995). A cognitive developmental approach to morality: Investigating the psychopath. *Cognition*, 1-29.
- Blair, R. J., Peschardt, K. S., Budhani, S., Mitchell, D. G., & Pine, D. S. (2006). The Development of Psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, No 3, 262-275. doi:10.1111/j.1469-7610.2006.01596.x
- Blonigen, D. M., Carlson, S. R., Krueger, R. F., & Patrick, C. (2003). A twin study of self-reported psychopathic personality traits. *Personality and Individual Differences*, 35, 179-197.
- Brandt, J. R., Kennedy, W. A., Patrick, C., & Curtin, J. J. (1997). Assessment of Psychopathy in a Population of Incarcerated Adolescent Offenders. *Psychological Assessment*, 9, No.4, 429-435. doi:1040-3590/97/\$3.00
- Brown, K., Atkins, M. S., Osborne, M. L., & Milnamow, M. (1996). A Revised Teacher Rating Scale for Reactive and Proactive Aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 24, No 4, 473-480. doi:10.1007/BF01441569
- Cicchetti, D., & Richters, J. E. (1997). Examining the conceptual and scientific underpinnings of researching developmental psychopathology. *Development and Psychopathology*, 9, 189-192.
- Cleckley, H. (1988). *The Mask of Sanity. An Attempt to Clarify Some Issues About the So-Called Psychopathic Personality*. (Vol. 44 (5)). Southern Medical Journal. doi:10.1097/00007611-195105000-00028
- Cooke, D. J. & Michie, C. (2001). Refining the construct of psychopathy: Towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*, Vol. 13 (No. 2), 171-188. doi:10.1037/1040-3590.13.2.171

- Dadds, M. R., Fraser, J., Frost, A., & Hawes, D. J. (2005). Disentangling the Underlying Dimensions of Psychopathy and Conduct Problems in Childhood: A Community Study. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 73*(3), 400-410.
- Derryberry, D., & Rothbart, M. K. (1997). Reactive and effortful processes In the organization of temperament. *Development and Psychopathology, 9*, 633-652.
- Edens, J. F., & Petrila, J. (2006). Psychopathy and Developmental Pathways to Antisocial Behavior in Youth. In P. Christopher (Ed.). New York: The Guildford Press.
- Eisenberg, N. (2014). Empathy-related responding and its relations to socioemotional development. *Journal research in early childhood education, 8*, 1-17.
- Eisenberg, N., & Miller, P. A. (1987). The Relation of Empathy to Prosocial and Related Behaviors. *Psychological Bulletin, 101*, No. 1, 91-119.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Spinrad, T. L. (2006). Prosocial development. Em W. Damon, R. M. Lerner, & N. Eisenberg, *Handbook of child psychology* (pp. 646-718). New York: Wiley.
- Essau, C. A., Sasagawa, S., & Frick, P. (2006). Callous Unemotional Traits in a Community Sample of Adolescents. *Assessment, XX*, No X, 1-16. doi:10.1177/1073191106287354
- Ezpeleta, L., Granero, R., Osa, N., & Domenech, J. (2017). Developmental trajectories of callous-unemotional traits, anxiety and oppositionality in 3-7 year-old children in the general population. *Personality and Individual Differences, 111*, 124-133.
- Ezpeleta, L., Osa, N., Granero, R., Penelo, E., & Domènech, J. M. (2013). Inventory of Callous-Unemotional Traits in a Community Sample of Preadolescents. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 42*, No. 1, 91-105. doi:10.1080/15374416.2012.734221
- Fanti, K. A., Frick, P. J., & Georgiou, S. N. (2009). Linking Callous-Unemotional Traits to Instrumental and Non-Instrumental Forms of Aggression. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 285-298*. doi:10.1007/s10862-008-9111-3

- Farrington, D. P., & Ttofi, M. M. (2016). Risk, promotive, and protective factors in youth offending: Results from the Cambridge study in delinquent development. *Journal of Criminal Justice*, 63-70.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using spss*. London: Sage publications.
- Fontaine, N. M., Rijdsdijk, F. V., Mccrory, E. J., & Viding, E. (2010). Etiology of Different Developmental Trajectories of Callous unemotional traits. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 49(7), 656-664.
- Forth, A. E., Hart, S. D., & Hare, R. (1990). Assessment of Psychopathy in Male Young Offenders. *Psychological Assessment*, 2, No.3, 342-344. doi:1040-3590/90\$00.75
- Frick, P. J. (2001). Effective Interventions for Children and Adolescents With Conduct Disorder. *Canadian journal of psychiatry*, 46, 597-608. doi:10.1177/070674370104600703
- Frick, P. J. (2002). Juvenile psychopathy from a developmental perspective: Implications for construct development and use in forensic assessments. *Law and Human Behavior*, 26, 247-253.
- Frick, P. J. (2004). Developmental Pathways to Conduct Disorder: Implications for serving youth who show severe aggressive and antisocial behavior. *Psychology in the Schools*, 41, No. 8, 823-834. doi:10.1002/pits.20039
- Frick, P. J. (2009). Extending the Construct of Psychopathy to Youth: Implications for Understanding, Diagnosing, and Treating Antisocial Children and Adolescents. *Canadian Journal of Psychiatry*, 54, No 12.
- Frick, P. J. (2012). Developmental Pathways to Conduct Disorder: Implications for Future directions in Research, Assessment, and Treatment. *journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 41(3), 378–389. doi:10.1080/15374416.2012.664815
- Frick, P. J., & Marsee, M. A. (2006). Psychopathy and Developmental Pathways to Antisocial Behavior in Youth. In P. Christopher, *Handbook of Psychopathy* (pp. 353-374). New York: The Guilford Press.

- Frick, P. J., & Morris, A. S. (2004). Temperament and Developmental Pathways to Conduct Problems. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 33, No. 1*, 54-68.
- Frick, P. J., & Ray, J. V. (2015). Evaluating Callous-Unemotional Traits as a Personality Construct. *Journal of Personality, 83:6*, 710-722. doi:10.1111/jopy.12114
- Frick, P. J., & White, S. F. (2008). Research Review: The Importance of Callous-Unemotional Traits for Developmental Models of Aggressive and Antisocial Behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 49, No 4*, 359-375. doi:10.1111/j.1469-7610.2007.01862.x
- Frick, P. J., Barry, C. T., & Kamphaus, R. W. (2005). Parent and Teacher Rating Scales. In P. J. Frick, C. T. Barry, & R. W. Kamphaus, *Clinical Assessment of Child and Adolescent Personality and Behavior* (pp. 156-165). New Orleans: Springer.
- Frick, P. J., Bodin, S. D., & Barry, C. T. (2000). Psychopathic Traits and Conduct Problems in Community and Clinic-Referred Samples of Children: Further Development of the Psychopathy Screening Device. *Psychological Assessment, 12, No 4*, 382-393.
- Frick, P. J., Cornell, A. H., Barry, C. T., Bodin, S. D., & Dane, H. E. (2003). Callous-Unemotional Traits and Conduct Problems in the Prediction of Conduct Problem Severity, Aggression, and Self-Report of Delinquency. *Journal of Abnormal Child Psychology, 31, No 4*, 457-470. doi:0091-0627/03/0800-0457/0
- Frick, P. J., Cornell, A. H., Barry, C., Bodin, S., & Dane, H. E. (2003). Callous-unemotional traits and conduct problems in the prediction of conduct problem severity, aggression, and self-report of delinquency. *Journal of Abnormal Child psychology, 457-470*.
- Frick, P. J., Kimonis, E. R., Dandreaux, D. M., & Farrell, J. M. (2003). The 4 Year Stability of Psychopathic Traits in Non-Referred Youth. *Behavioral Sciences and the Law, 713-736*. doi:10.1002/bsl.568
- Frick, P. J., Lilienfeld, S. O., Ellis, M., Loney, B., & Silverthorn, P. (1999). The Association between Anxiety and Psychopathy Dimensions in Children. *Journal of Abnormal Child Psychology, 27, No.5*, 383-392.

- Frick, P., Ray, J. V., Thornton, L. C., & Kahn, R. E. (2014). Annual Research Review: A developmental psychopathology approach to understanding callous-unemotional traits in children and adolescents with serious conduct problems. *The Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 55:6, 532-548. doi:10.1111/jcpp.12152
- Hagan, F. E. (2010). *Research Methods in Criminal Justice and Criminology*. New Jersey: Pearson.
- Hare, R. D. & Neumann, C. S. (2005). Structural Models of Psychopathy. *Current Psychiatry Reports*, 7 (1), 57-64. doi:10.1007/s11920-005-0026-3
- Hare, R. D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist - Revised*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D. (1993). *Without a conscience: The disturbing world of the psychopaths among us*. New York: Pocket.
- Hare, R. D. (1998). Psychopathy, affect, and behavior. Em D. J. Cooke, A. E. Forth, & R. D. Hare, *Psychopathy: Theory, research, and implications for society* (pp. 105-138). Dordrecht, The Netherlands: Kluwer.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2006). The PCL-R Assessment of Psychopathy: Development, Structural Properties, and New Directions. In C. Patrick, *Handbook of psychopathy* (p. 58). New York: The Guilford Press.
- Hare, R. D., Hart, S. D., & Harpur, T. J. (1991). Psychopathy and the DSM-IV Criteria for Antisocial Personality. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, No. 3, 391-398.
- Hemphill, J., Hare, R. D., & Wong, S. (1998). Psychopathy and recidivism: A review. *Legal and Criminological Psychology*, 3, 139-170.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2012). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Hinnant, J. &. (2007). Cognitive and Emotional control and perspective taking and their relations to empathy in 5-year-old children. *Journal of Genetic Psychology*, 168, 301-322. doi:10.3200/GNTP.168.3.301-322

- Hubbard, J. A., McAuliffe, M. D., Morrow, M. T., & Romano, L. J. (2010). Reactive and Proactive Aggression in Childhood and Adolescence: Precursors, Outcomes, Processes, Experiences, and Measurement. *Journal of Personality, 78, No 1*, 95-118. doi:10.1111/j.1467-6494.2009.00610.x
- Hubbard, J. A., Smithmyer, C. M., Ramsden, S. R., Parker, E. H., Flanagan, K. D., Dearing, K. F., & Relyea, N. &. (2002). Observational, Physiological, and Self-report Measure of Children's Anger: Relations to Reactive versus Proactive Aggression. *Child Development, 73, No. 4*, 1101-1118.
- Jones, A. P., & Viding, E. (2007). Psychopathic traits in young children. *Netherlands Journal of Psychology, 63*, 117-125. doi:10.1007/BF0306107 3
- Kang, H. (2013). The prevention and handling of the missing data. *he Korean Society of Anesthesiologists, 64, No 5*, 402-406.
- Kimonis, E. R., Fanti, K. A., Anastassiou-Hadjicharalambous, X., Mertan, B., Goulter, N., & Katsimicha, E. (2016). Can Callous-Unemotional Traits be Reliably Measured in Preschoolers? *Journal of Abnormal Child Psychology, 44*, 625-638. doi:10.1007/s10802-015-0075-y
- Kimonis, E. R., Frick, P. J., Skeem, J. L., Marsee, M. A., Cruise, K., Munoz, L. C., . . . Morris, A. S. (2008). Assessing callous-unemotional traits in adolescent offenders: Validation of the Inventory of Callous-Unemotional Traits. *International Journal of Law and Psychiatry, 31*, 241-252.
- Kimonis, E. R., Frick, P., Boris, N. W., Smyke, A. T., Cornell, A. H., Farrell, J. M., & Zeanah, C. H. (2006). Callous-unemotional features, behavioral inhibition, and parenting: independent predictors of aggression in a high-risk preschool sample. *J Child Fam Stud, 15*, 745-756.
- Klingzell, I., Fanti, K. A., Colins, O. F., Frogner, L., Andershed, A., & Andershed, H. (2015). Early Childhood Trajectories of Conduct Problems and Callous-Unemotional Traits: The Role of Fearlessness and Psychopathic Personality Dimensions. *Child Psychiatry and Human Development, 236-247*. doi:10.1007/s10578-015-0560-0

- Kochanska, G. (1991). Socialization and temperament in the development of guilt and conscience. *Child Development, 62*, 1379-1392.
- Kochanska, G. (1993). Toward a synthesis of parental socialization and child temperament in early development of conscience. *Child Development, 64*, 325-347.
- Kochanska, G. (1997). Multiple Pathways to Conscience for Children With Different Temperaments: From Toddlerhood to Age 5. *Developmental Psychology, 33*, No. 2, 228-240.
- Kotler, J. S., & McMahon, R. J. (2010). Assessment of Child and Adolescent Psychopathy. In R. T. Salekin, & D. R. Lynam, *Handbook of Child and Adolescent Psychopathy* (p. 79). New York: The Guilford Press.
- Kristensen, S., Henriksen, T. B., & Bilenberg, N. (2010). The Child Behavior Checklist for Ages 1.5-5 (CBCL/1 1/2-5): Assessment and analysis of parent- and caregiver-reported problems in a population-based sample of Danish preschool children. *Nordic Journal of Psychiatry, 64*, No. 3, 203-209. doi:10.3109/08039480903456595
- Liu, J., Cheng, H., & Leung, P. W. (2011). The Application of the Preschool Child Behavior Checklist and the Caregiver-Teacher Report Form to Mainland Chinese Children: Syndrome Structure, Gender Differences, Country Effects, and Inter-Informant Agreement. *Journal of Abnormal Child Psychology, 39*, 251-264. doi:10.1007/s10802-010-9452-8
- Loney, B. R., Frick, P. J., Clements, C. B., Ellis, M. L., & Kerlin, K. (2003). Callous-Unemotional Traits, Impulsivity, and Emotional Processing in Adolescents With Antisocial Behavior Problems. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32*, No. 1, 66-80.
- Lykken, D. T. (1995). *The Antisocial Personalities*. New Jersey: Hillsdale.
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com PASW statistics (ex- SPSS)*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-Limited and Life-Course-Persistent Antisocial Behavior: A Developmental Taxonomy. *Psychological Review, 100*, No 4, 674-701. doi:10.1037/0033-295X.100.4.674

- Munoz, L. C., & Frick, P. J. (2007). The reliability, stability, and predictive utility of the self-report version of the Antisocial Process Screening Device. *Scandinavian Journal of Psychology*, 48, 299–312. doi:10.1111/j.1467-9450.2007.00560.x
- Newman, J. P. (1998). Psychopathic behavior: An information processing perspective. In D. J. Cooke, A. E. Forth, & R. D. Hare, *Psychopathy: Theory, research, and implications for society* (pp. 81-104). Dordrecht, The Netherlands: Kluwer.
- Obradovic, J., Pardini, D. A., Long, J. D., & Loeber, R. (2007). Measuring Interpersonal Callousness in Boys From Childhood to Adolescence: An Examination of Longitudinal Invariance and Temporal Stability. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 36, No. 3, 276–292.
- Oxford, M., Cavell, T., & Hughes, J. (2003). Callous/Unemotional Traits Moderate the Relation Between Ineffective Parenting and Child Externalizing Problems: A Partial Replication and Extension. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 32(No 4), 577-585.
- Pardini, D. A., Lochman, J. E., & Frick, P. J. (2003). Callous/Unemotional Traits and Social-Cognitive Processes in Adjudicated Youths. *American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 42, No. 3, 364-371.
- Patrick, C. J. (2010). Operationalizing the Triarchic Conceptualization of Psychopathy: Preliminary Description of Brief Scales for Assessment of Boldness, Meanness, and Desinhibition. *Unpublished Manual*.
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic Conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness and meanness. *Development and Psychopathology*, 21, 913-938. doi:10.1017/80954579409000492
- Pechorro, P., Ray, J., Gonçalves, R., & Jesus, S. (2017). The Inventory of Callous Unemotional Traits: Psychometric properties among referred and non-referred Portuguese female juveniles. *International Journal of Law and Psychiatry*, 67-75. doi:10.1016/j.ijlp.2017.05.002
- Pinel, P. (1809). *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale* (2nd ed.). Paris: Drosson.

- Piquero, A. R., & Weisburd, D. (2010). *Handbook of Quantitative Criminology*. New York: Springer.
- Porter, S., & Woodworth, M. (2006). Psychopathy and Aggression. In J. P. Christopher, *Handbook of Psychopathy* (pp. 481-494). New York: The Guilford Press.
- Poulin, F., & Boivin, M. (2000). Reactive and Proactive Aggression: Evidence of a Two-Factor Model. *Psychological Assessment, 12*, No 2, 115-122. doi:10.1037//1040-3590.12.2.115
- Putnam, S. P. (2006). Measurement of fine-grained aspects of toddler temperament: The early childhood behavior questionnaire. *Infant Behav Dev, 29*, 386-401. doi: 10.1016/j.infbeh.2006.01.004
- Quay, H. C. (1964). Dimensions of personality in delinquent boys as inferred from factor analysis of case history data. *Child Development, 35*, 479–484.
- Roberts, B. W., & DeVecchio, W. F. (2000). The rank-order consistency of personality traits from childhood to old age: A quantitative review of longitudinal studies. *Psychological Bulletin, 126*, 3-25.
- Roose, A. B., & Frick, P. (2009). Assessing the Affective Features of Psychopathy in Adolescence: A Further Validation of the Inventory of Callous and Unemotional Traits. *Assessment, 1*-14. doi:10.1177/1073191109344153
- Roose, A., Bijttebier, P., Decoene, S., Claes, L., & Frick, P. J. (2010). Assessing the Affective Features of Psychopathy in Adolescence: A Further Validation of the Inventory of Callous and Unemotional Traits. *Assessment, 17*, 44-57.
- Rothbart, M. (2007). Temperament, development and personality. *Current Directions in Psychological Science, 16*(4), 207-212.
- Rothbart, M., & Bates, J. E. (2006). Temperament. In W. Damon, R. Lerner, & N. Eisenberg, *Handbook of child psychology: Social, emotional and personality development* (Vol. 3, pp. 99-166). New York: Wiley.

- Salekin, R. T., & Frick, P. J. (2005). Psychopathy in Children and Adolescents: The Need for a Developmental Perspective. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 33, No. 4, 403-409. doi:10.1007/s10802-005-5722-2
- Salekin, R. T., & Lynam, D. R. (2010). Child and Adolescent Psychopathy: The Road Ahead. In R. T. Salekin, & D. R. Lynam, *Handbook of Child and Adolescent Psychopathy* (pp. 399-420). New York: The Guilford Press.
- Scott, S., Knapp, M., Henderson, J., & Maughan, B. (2001). Financial cost of social exclusion: follow up study of antisocial children into adulthood. *British Medical Journal*, 323, 1-5.
- Skeem, J. L., & Cauffman, E. (2003). Views of the downward extension: Comparing the youth version of the Psychopathy Checklist with the Youth Psychopathic Traits Inventory. *Behavioral Sciences and the Law*, 21, 689-846.
- Skeem, J. L., Polaschek, D. L. L., Patrick, C. J. & Lilienfeld, S. O. (2011). Psychopathic Personality: Bridging the Gap Between Scientific Evidence and Public Policy. *Psychological Science in the Public Interest*, 12 (3), 95-162. doi:10.1177/1529100611426706
- Song, J., Waller, R., Hyde, L., & Olson, S. (2015). Early Callous-Unemotional Behavior, Theory-of-Mind, and a Fearful/Inhibited Temperament Predict Externalizing Problems in Middle and Late Childhood. *Journal of Abnormal Child Psychology*. doi:10.1007/s10802-015-0099-3
- Stickle, T. R., & Frick, P. J. (2002). Developmental pathways to severe antisocial behavior: interventions for youth with callous-unemotional traits. *Expert Rev. Neurotherapeutics*, 2, No. 4, 511-522.
- Tangney, J., Wagner, P., & Gramzow, R. (1992). Proneness to shame, proneness to guilt, and psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 101, No. 3, 469-478.
- Teglasi, H., Shussler, L., Gifford, K., Annotti, A. L., Sanders, C., & Liu, H. (2015). Child Behavior Questionnaire-short form for teachers: Informant Correspondences and divergences. *Sage Publications*, 730-748.

- Viding, E., Frick, P. J., & Plomin, R. (2007). Aetiology of the relationship between callous-unemotional traits and conduct problems in childhood. *British Journal of Psychiatry, 190*, 33-38.
- Vitaro, F., Brendgen, M., & Tremblay, R. E. (2002). Reactively and Proactively Aggressive Children: Antecedent and Subsequent Characteristics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 43, No 4*, 495-505.
- Vitaro, F., Gendreau, P. L., Tremblay, R. E., & Oligry, P. (1998). Reactive and Proactive Aggression Differentially Predict Later Conduct Problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 39, No 3*, 377-385.
- Waller, R., Baskin-Sommers, A., & Hyde, L. (2016). Examining Predictors of Callous Unemotional Traits Trajectories Across Adolescence Among High-Risk Males. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 1-14*. doi:10.1030/15374416.2015.1102070
- Waller, R., Gardner, F., & Hyde, L. W. (2013). What are the associations between parenting, callous unemotional traits, and antisocial behavior in youth? A systematic review of evidence. *Clinical Psychology Review, 33*, 593-608.
- White, S. F., & Frick, P. J. (2016). Callous Unemotional Traits. In R. J. Levesque, *Encyclopedia of Adolescence* (pp. 1-8). Switzerland: Springer International Publishing. doi:10.1007/978-3-319-32132-5_77-2

ANEXO 1: TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Consentimento Informado

Diana Patrícia Estrela da Silva, estudante do Mestrado da Universidade do Porto, vem por este meio solicitar a sua colaboração com um estudo, que está a ser desenvolvido no âmbito académico do seu projeto de investigação científica do Mestrado em Criminologia, na Faculdade de Direito da Universidade do Porto, sob a orientação científica do Prof. Doutor Pedro Almeida. O presente estudo está a ser desenvolvido no âmbito académico do projeto de investigação científica, subordinado ao tema “Precursos Desenvolventais de Frieza Emocional”. O projeto tem como objetivo geral estudar os precursos desenvolvimentais de alguns traços de personalidade na infância. A presente investigação é constituída por dois objetivos principais: a criação de uma escala para a medição dos precursos desenvolvimentais de traços de personalidade em crianças; e estudar a relação entre os traços de personalidade com comportamentos internalizadores e externalizadores, mas também com os indicadores de agressividade proativa e reativa. Procurar-se-á perceber não só alguns dos comportamentos apresentados pelas crianças, mas também a forma como estes são identificados por educadores e por pais. Foi obtida a autorização por parte da Comissão de ética para a recolha de dados através da aplicação de questionários.

Participação no estudo

A sua participação, no caso de querer colaborar, consistirá no preenchimento de um conjunto de questionários, que se encontram juntamente com esta carta. Quando os questionários estiverem preenchidos colocá-los-á dentro do envelope e selará o envelope para os entregar no infantário a um educador de infância. Os questionários seguintes avaliam o seu educando(a) ao nível: traços de personalidade; externalização e internalização de comportamentos; indicadores de agressividade; e temperamento. A participação do educador de infância consistirá no preenchimento de um conjunto de questionários que avaliam as mesmas características supracitadas.

Confidencialidade e anonimato

Precursos Desenvolventais de Frieza Emocional

Todos os dados recolhidos serão utilizados estritamente para fins de investigação científica e apenas serão alvos de tratamento estatístico em grupo, isto é, não particularizando nenhum caso ou dado específico. Será requerido um contacto (telemóvel e email) para executar um estudo de follow up. É de mencionar que os dados serão armazenados tendo em conta as garantias de anonimato e privacidade designadamente garantindo a impossibilidade de associar determinados resultados a determinadas identidades mesmo tendo acesso à base de dados. Os dados serão tratados de forma absolutamente anónima e a sua identidade e do seu educando(a) não serão divulgadas. A sua participação e do seu educando(a) neste estudo são voluntárias e são livres de interromperem em qualquer momento da investigação.

Se em qualquer altura da presente investigação quiser desistir de participar no estudo, bastará enviar um email à estudante tendo como assunto “desistência da participação na investigação”. Neste email deverá mencionar a sua vontade de desistência em participar no estudo e deverá constar o nome do encarregado de educação e do respetivo educando. Após ter sido efetuado o pedido a estudante procederá à eliminação dos dados fornecidos.

No caso de querer colocar alguma questão relacionada com o estudo poderá contactar a estudante (Telemóvel: 912389806; E-mail: up201507948@direito.up.pt)

Eu, _____, encarregado(a) de educação do(a) aluno(a):

_____,
declaro que fui informado(a) dos objetivos do estudo e que tive oportunidade de esclarecer todas as minhas dúvidas relativamente a este. Assim sendo participo de forma voluntária e fui informado(a) que a nossa participação, ou recusa em participar, não acarreta quaisquer benefícios ou custos para nós.

Email: _____ Telemóvel: _____

Porto, ___ de _____ de _____

Assinatura do(a) encarregado(a) de educação: _____

Assinatura da estudante (Diana Estrela): _____

ANEXO II: Modelos de regressão linear múltipla: comportamentos agressivos reativos e proativos

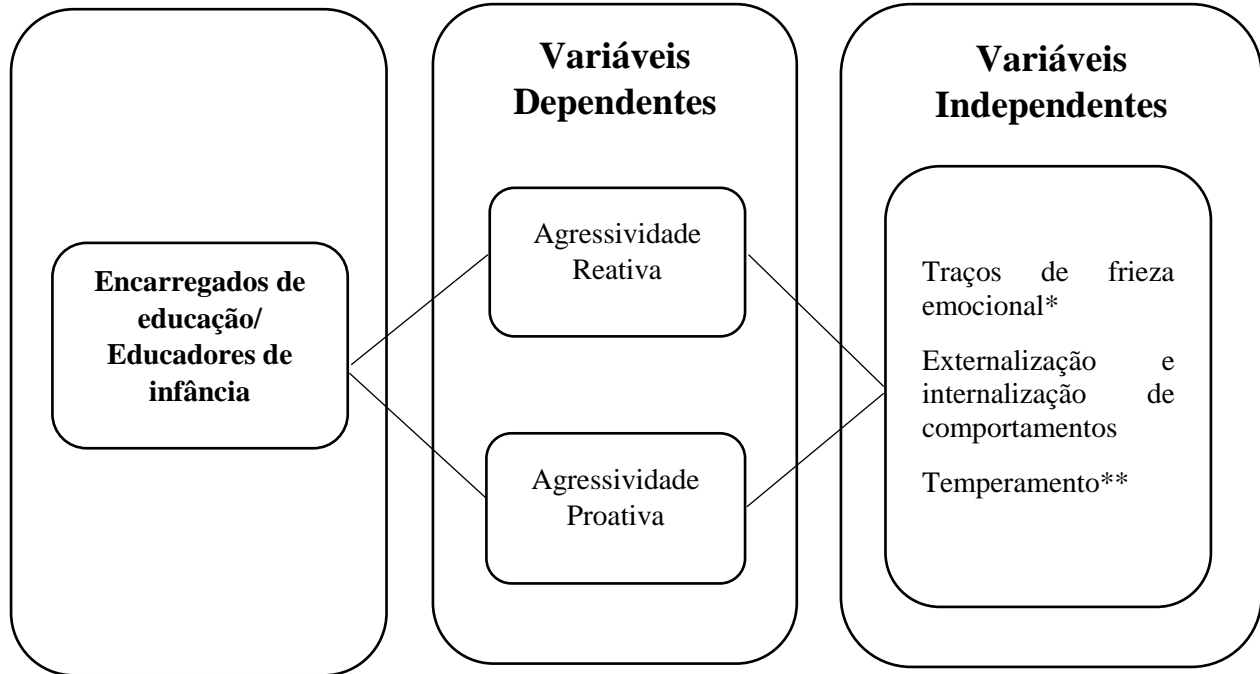


Figura 1: Modelos de regressão linear múltipla

***Traços de frieza emocional:** *Uncaring; Callousness; Unemotional.*

****Temperamento:** *Negative affect; Effortful Control; Surgency.*